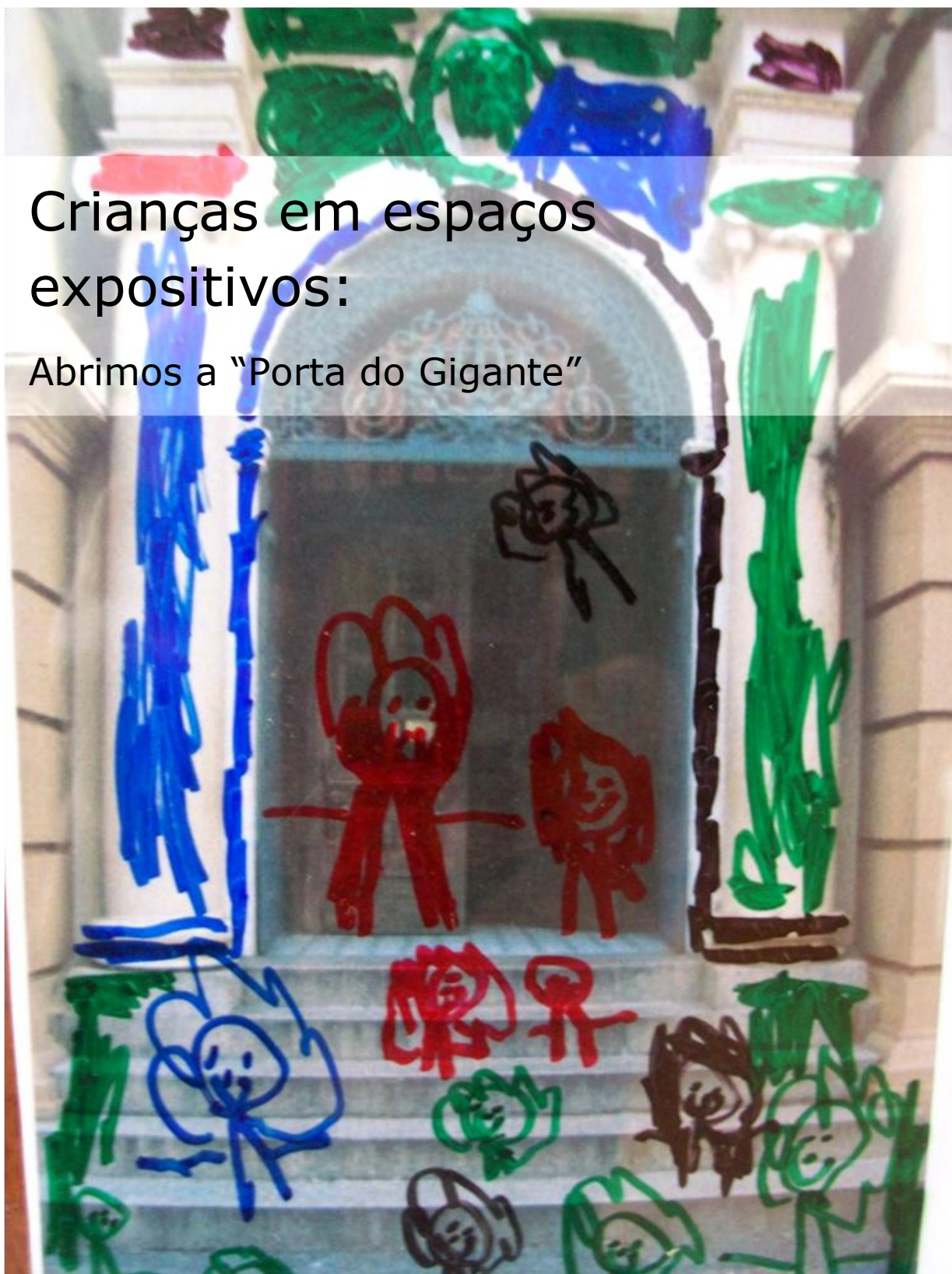


Crianças em espaços  
expositivos:

Abrimos a "Porta do Gigante"



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Amanda Eccel Dornelles

**CRIANÇAS EM ESPAÇOS EXPOSITIVOS**

**Abrimos a Porta do Gigante**

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Eccel Dornelles, Amanda  
Crianças em Espaços Expositivos: Abrimos a "Porta  
do Gigante" / Amanda Eccel Dornelles. -- 2013.  
110 f.

Orientadora: Susana r.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Pesquisa com crianças. 2. Espaços expositivos.  
3. Arte. 4. Crianças. I. r, Susana, orient. II. Título.

Amanda Eccel Dornelles

## **CRIANÇAS EM ESPAÇOS EXPOSITIVOS**

### **Abrimos a Porta do Gigante**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Susana Rangel Vieira da Cunha

Linha de Pesquisa: Estudo sobre Infâncias

Porto Alegre

2013

## **Crianças em Espaços Expositivos**

### **Abrimos a “Porta do Gigante”**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada pela banca examinadora em

---

Profª Dra Susana Rangel Vieira da Cunha

---

Profª Dra. Paola Zordan

---

Profª Drª Natalia Fernandes

---

Profª Dra. Mirian Celeste Martins

## DEDICATÓRIA

Para as *Crianças* e todo o  
encantamento que me causam.

## AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos/as que compartilharam comigo este momento importante de reflexões e descobertas.

A Ana, Clara, Emiliano, Guilherme, Isabela, João, Joaquim, Maria Eduarda, Maria, Matheus, Matheus B., Pedro e Ryan, crianças parceiras desta pesquisa, que nos mostraram um outro modo para olhar, pensar e sentir os espaços de arte.

Aos responsáveis das crianças que não duvidaram em participar da proposição desta pesquisa, principalmente por respeitarem a escolha de seus filhos em participar dela.

A escola Infâncias pela acolhida a proposta da pesquisa. Obrigada Magali e Kátia pela parceria e cumplicidade dos encontros.

A família Dornelles pelo zelo e a reunião de todos nós.

A Mãe e Dora pelo amor incondicional e meu porto mais que seguro.

Ao Leo, meu maior parceiro desta etapa da vida e meu maior incentivador às reflexões sociais e a dedicação à pesquisa.

A “Dinda” pela companhia, atenção e afeto destas trajetórias de minha formação como professora-pesquisadora e aprendiz.

A amiga Ana pelo dia a dia compartilhado de educadoras de infância.

A Camila que está comigo nesta trajetória de pesquisa, partilhando, reflexões, angústias e felicidades.

A Mônica, Elisete e Solange pelos encontros e discussões sempre prazerosos.

A Susana, orientadora desta dissertação, pela oportunidade de estar refletindo sobre a infância. Obrigada pelo carinho, por compartilhar escolhas e respeitar meus desejos e individualidade.

A professora Paola Zordan, pela atenção e sugestões na defesa da proposta me apontando caminhos e sugestões. A Natália Fernandes e Mirian Celeste Martins, por compartilharem comigo a escrita final deste estudo.

## **Cem linguagens da criança**

“A criança é feita de cem...  
A criança tem cem linguagens  
(e depois cem cem cem)  
mas roubam-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura  
lhe separam a cabeça do corpo...  
Dizem-lhe enfim:  
Que o cem não existe.  
A criança diz:  
Ao contrário o cem existe”

*Loris Malaguzzi*



## RESUMO

A presente Dissertação buscou compreender, a partir de uma pesquisa de campo, como as crianças se expressam em visitas em espaços expositivos de arte. Convidar as crianças a falar sobre esses encontros provocam reflexões acerca das propostas de pesquisa com elas, como também das referências que temos sobre os estudos da relação delas sobre a arte. Analiso as experiências das crianças a partir daquilo que elas falam, agem, sentem e silenciam diante das exposições, buscando estas referências para estabelecer relações sobre o conhecimento dos modos de ser das crianças e dos modos como elas experimentam a arte. Para a organização desta pesquisa, busco referências dos estudos da Sociologia da Infância, que além de propor estudos no campo da infância, configuram pensar as crianças como sujeitos ativos, produtores de cultura e pertencentes a um grupo geracional específico. Juntamente com esta referência, tomo as reflexões de Larrosa sobre o conceito criança para pensar as relações que elas estabeleceram com os espaços expositivos. A pesquisa foi realizada com quatorze crianças de uma escola de educação infantil de Porto Alegre, com idade entre três e quatro anos, no período entre junho e dezembro de 2012. Ao longo de três semanas foram propostos encontros com as crianças na escola com caráter de observação participante. Posteriormente, visitamos três espaços expositivos da cidade e depois nos encontramos na escola para conversar sobre as visitas. Nesse sentido, foi necessária a organização de uma metodologia e uma “postura metodológica” que pudesse tornar preponderante a participação das crianças com foco na problemática da pesquisa. O diário de campo, os registros fotográficos e os vídeos foram algumas das ferramentas metodológicas utilizadas. Nestes encontros em espaços expositivos foram observadas diferentes manifestações das crianças sobre as obras de arte, a interação com os mediadores e o posicionamento delas referente aos espaços culturais visitados. Tais manifestações das crianças nos permite pensar que elas têm um modo particular de viver experiências com a arte que não compreende somente o olhar, mas também o corpo e os sentimentos. A partir destas formas de experimentar as exposições de arte, as crianças nos apontam algumas referências para que possamos pensar sobre as propostas educativas dos espaços expositivos.

**Palavras-chave: Crianças. Espaços expositivos. Experiência. Pesquisa com crianças. Arte.**

## **Abstract**

This paper has tried to understand from a field research how children express themselves when they are visiting art exhibitions. It has sought to understand how they participate, understand, live with recount their feelings concerning spaces, works of art, and mediators. As a research teacher I have dealt with situations with children and art encouraging me to think about how they could have an experience with art exhibitions, and what we could learn from the children. Encouraging children to talk about these meetings leads to reflections both about proposals of research with them and references we have concerning their relation with art. I analyse here their experiences they have talked about, acted on, felt about, and their silence towards exhibitions, looking after these references to establish relations about knowing their way of being and how they have experienced art. To organise this research I have drawn on studies of sociology of childhood, which suggest studies in the field of childhood and suggest thinking of children as active subjects, culture makers and belonging to a particular generational cohort. Apart from this reference, I have drawn to Larrosa's reflections about the concept of experience to think of children's relationships with exhibition spaces. I made the research with 14 three-to-four year-old children in a nursery in Porto Alegre from June to December 2012. In three weeks meetings with children in the school were proposed in a participant observation style. Later we have visited three exhibitions in the town and we met at the school to talk about these visits. Then it was necessary to set a methodology and 'methodological stance' able to direct children's participation to the research question. The key issue is about how children express themselves during visits to art exhibitions. The answer to this questioning gathers together descriptions of experiences children lived and the analysis of these contexts. The field diary, photographic images and videos were some of the methodological instruments used. In meetings in these exhibitions we have observed children's different manifestations towards works of art, their interaction with mediators and their position towards the cultural spaces visited. These manifestations encourage us to think they have a particular way of living experiences with art including not only watching, but also the body and feelings. From these ways of experiencing art exhibitions, children have indicated some references for us to think about educational proposals for exhibition spaces.

**Keywords: Children. Exhibition spaces. Experience. Research with children. Art.**

## SUMÁRIO

- 1. *A Porta esta Aberta, convido-os para entrar*..... 13
- 2. *Antes de abrir - Olha a "porta do Gigante"!*..... 28
  - 2.1. *Por entre as frestas*..... 30
- 3. *As crianças são convidadas a falar sobre arte?* .... 34
  - 3.1. *Por que abrir a Porta do Gigante com as crianças?*..... 35
- 4. *É ruim ficar preso da vontade de sair! - organização de uma investigação com crianças*..... 44
  - 4.1. *Olha a porta do Gigante! Olha a porta do Gigante! Compacto da trajetória de pesquisa*..... 49
    - 4.2. *Amaaandaaaa! Aproximações com as crianças*..... 57
      - 4.3. *Os Instrumentos*..... 60
- 5. *Aproximação das crianças com os espaços expositivos, as obras de arte e os mediadores*..... 66
  - 5.1 *O meu museu vai ser de outra cor! Crianças e espaço expositivo*.. 67
    - 5.1.1. *Algumas representações sobre os espaços*..... 73
  - 5.2 *O branco e o preto podem ser Laranja - Crianças e obras de arte*..... 76

*5.3 Eu já sabia tudo. Não precisa ter alguém explicando - Crianças e mediação..... 87*

*6. Abrimos a Porta do Gigante, e agora?..... 97*

*7 - Referências..... 100*

*APÊNDICES..... 104*

*APÊNDICE A - Termo de consentimento Informado da criança..... 105*

*APÊNDICE B - Termo de Consentimento Informado dos Pais..... 107*

*APÊNDICE C - Registro da Visita ao Espaço II..... 110*

*APÊNDICE D - Registro da Visita ao Espaço III..... 111*



## *1. A Porta está Aberta, convido-os para entrar.*

Quando abrimos uma porta, existe sempre a expectativa daquilo que vamos encontrar, olhar, rever, conhecer. Abrir a porta de espaços expositivos poderá ser uma viagem surpreendente e única. Mas e se a porta fosse aberta pelas crianças? Quais seriam os espantos, as percepções, os olhares e as relações? Convido-os para entrar... A porta se abre e o que vemos são quatorze crianças de 3 e 4 anos vivendo a experiência desse lugar...

(...) A mediadora convida as crianças para se aproximarem da obra do saguão inicial<sup>1</sup> do espaço I<sup>2</sup>. Fala um pouco sobre a proposta do artista, quando Matheus pergunta:

*Criança:*

*Quem é que fez?*

*Como é o nome do artista?, pergunta a mediadora para a outra*

*João:*

*Rafael Pagatini.*

*Mediadora:*

*Vocês vieram ver o Rafael Pagatini?  
Vamos lá!*

<sup>1</sup> Mostra Italian Genius Now.

<sup>2</sup> Os espaços são nomeados como I, II, III, conforme a ordem das visitas.

No caminho para o segundo piso onde estava a exposição do artista, algumas crianças gritaram. A professora da turma reuniu então as crianças para conversar e disse:

*Não pode gritar neste espaço, tá legal! Eu entendo que aqui é muito grandão e dá muita vontade de gritar, mas vamos segurar a vontade e guardar ela dentro a gente.*

A menina Isabela se aproxima dela e diz: *Eu queria gritar, mas eu tô segurando.*

E a professora ainda aproveita e sinaliza: *Aqui também não pode colocar as mãos, tá bom! Então vamos continuar ali com as mediadoras.*

Ao chegar ao saguão do Espaço I onde está a exposição do artista Rafael Pagatini...

*Crianças: Onde está o Rafael?*

*Mediadora: Onde está o Rafael?*

*Ryan: Ele tá escondido!!*

*Mediadora: Vocês fazem desenhos lá na escola de vocês?*

*Crianças: SIMM!*

*Mediadora: E os desenhos agora estão lá né, pra outras pessoas verem, mas vocês não. Assim é o artista. Ele faz a obra pras pessoas verem e nem sempre ele está onde as obras estão.*

*Então, ele está escondido lá na casa dele!, diz Bela fazendo relação com o que o colega havia falado.*

As primeiras obras são da instalação Reflexões...

*Mediadora: O que vocês enxergam no espelho?*

*As crianças olham, tentam tocar, se aproximam e se afastam, conversam sobre a obra, mas não falam.*

*Mediadora: Vocês não estão enxergando nada?*

*Crianças: Nósss!*

*Mediadora: Nós, né! Vamos andar mais pra trás, mais, mais, mais! O que vocês estão enxergando?*

*Crianças: Uma estrada!*

*Mais espelho!*

*Um reflexo!*

*Guilherme: É uma estrada... subindo, fazendo o movimento com a mão.*

As crianças, além de falarem sobre o que estavam vendo, interagem com a obra fazendo poses e movimentos.

*Matheus e Duda dançam na frente da obra. As professoras e mediadoras tentam chamar as crianças para se afastarem e observarem sobre outro ângulo a obra.*

*Professora: Que segredo tem esse espelho? Acho que é a Bruxa?*

*Mediadora: Será?*

*Mediadora: Que cores tem essa estrada?*

*Crianças: Branca e preta.*

*Não. Branca e Laranja.*

*Mediadora: Laranja? Tu tá enxergando laranja?*

*Guilherme aponta para o piso do espaço que tem a cor laranja e que está refletindo na obra.*

*Mediadora: Ah, por causa do reflexo. Muito bem!*



As crianças passam para a segunda instalação Passagem, do mesmo artista...

*Tem nariz no quadro, hahaha! Guilherme e*

João encostam cada um o seu nariz na obra do artista Rafael Pagatini, mantendo as mãos para trás. Novamente as professoras e mediadoras tentam conter as crianças pedindo que se afastem da obra.



Mediadora: O que vocês enxergam?

Crianças: Um monte de árvore.

Mediadora: Tá, agora venham mais pra trás. Mais pra trás, mais pra trás. E agora, o que vocês enxergam?

Crianças: Uma árvore!

Mediadora: Só?

João: Só.

Crianças: Um rio, uma rua, uma casa, uma calçada, o vento.

Professora: Tu tá vendo o vento? Que bárbaro.

Mediadora: Será que era um dia de sol ou de chuva?

João: De noite.

Mediadora: De noite, por que será?

João: Porque sim, ué!

Algumas risadas

Matheus: Porque tá tudo preto.

Ryan: A gente não sabe. Pode falar aí, pode falar!



Um grupo de crianças corre espontaneamente para o vídeo, Amanhecer no Porto, feito pelo artista. Então a mediadora convida todo o grupo para sentar e apreciar.

*Mediadora: Essa linha aqui se chama horizonte!*

*Clara: É o mundo que gira, em uma metade é dia e a outra metade é noite!*

*João: Uma metade de nublado que chove e trovão!*

*Mediadora: Mas pode chover de dia né, e de noite também.*

*João: É pode cair relâmpago, raio, chover e ser claro.*

*Clara: E também se chover de dia aparece um arco-íris!*

*Mediadora: Isso né, se aparece o sol junto com a chuva?!*

*Ryan: Eu vi um filme que dois cara olho bastante pro sol e daí queimo os olhos, porque o sol é um fogo!*

*Mediadora: Isso, exatamente. Uma bola bem grande de fogo!*

*Duda: O sol é quente né, Kátia!*

*Crianças: Eu acho que um Dragão fez isso!*

*Dragão!!*

*Mediadora: Um*

*Dragão? Será que um dragão lá do início da nossa conversa que mora no sol?*

*Crianças: Nãoo!*

*João: Porque se não ele fica no fogo, uma bola de fogo queima o dragão!*

*Isabela: Daí o sol derrete!*

*O dragão tá no castelo, eu acho!*

*Mediadora: Então a gente vai ter que procurar mais esse dragão?*





*Matheus: Mas o sol pode reter o Dragão!*

*Mediadora: O sol pode deter o dragão?*

*Pedro: Re-ter.*

*Mediadora: Derreter o dragão!*

*Guilherme: Não tem água no sol, é uma bola de fogo o s ol!*

*Mediadora: Não tem, né! E de que cor é o sol?*

*- Amarelo!*

*Mediadora: E que cor tá mostrando as nuvens?*

*Isabela: Amarelo!*

*Clara: Branco!*

*João: Não, tá ficando rosa e verde!*

*- Não, rosa e amarelo!*

*Clara: E um pouco vermelhinho.*

*(- Não, não, dizem algumas crianças contestando algumas cores vistas.)*

*Mediadora: Então são cores que dão frio ou que dão calor?*

*- Calor!*

*Mediadora: Calor né!*

*João: São muito quentes!*

*Mediadora: São cores quentes!*



Em frente às obras da artista Tomie Ohtake, da exposição Pinturas Cegas, no Espaço II, as crianças interagem com a mediadora:

*Mediadora: E esses aqui o que vocês veem?*

*Isabela: Não vejo nada, só risco!*

*Pedro: Só risco!*

*Matheus: Só risco!*

*Mediadora: Alguém viu um pouco diferente?*  
*Isabela: isco pra lá e pra cá.*  
*Professora: Essas obras são da Tomie Ohtake?*  
*Mediadora: São.*  
*Professora: Vocês já sabem falar o nome da artista?*  
*To-mi Oh-ta-ke.*  
*Crianças: Tomie Ohtake.*  
*Crianças: Não é tomate gente, é Tomie Ohtake*  
*hahaha.*  
*Tomie Ohtake, Tomie Ohtake, repetem as crianças.*

Antes da visita ao espaço expositivo II, conversamos com as crianças sobre as exposições que seriam vistas e sobre as regras do lugar.

*Professora da Turma: Lá no museu, não podemos tocar nas obras de arte e não podemos correr... Lá inclusive tem "guardas" para cuidar as pessoas.*  
*Ryan, 4 anos: Mas, e se os guardas e as professoras correrem e tocarem nas obras, eles vão obedecer às crianças?*

A mediadora do espaço II reúne as crianças em frente à obra "Em Paralelo", da artista Ione Saldanha.

*Mediadora: Vamos sentar aqui perto da obra. Olha só o que eu vou fazer?*

*Duda se levanta e olha a professora, pois pretendia fazer o mesmo gesto da mediadora, mas para e espera.*

*Duda: Agora eu vou contar um segredo pra vocês. Estão vendo aqueles fios lá em cima?*

*Duda agora se aproxima da obra, mas a mediadora a segura. Ela resiste e insiste em se aproximar. Com ela mais crianças se levantam para ver*



*como a obra “funciona” pendurada nos fios. Querem ir do outro lado da obra. Todas as professoras e mediadoras se movimentam para conter as crianças.*

*Mediadora: Lembram o que a gente combinou? Estão vendo que as tiras já estão mexendo? Pois é, se todo mundo vir aqui e passar a mão... quando vê a gente se perde e bate a mão.*

Levei algumas imagens da exposição do espaço III para que as crianças fizessem intervenções. Enquanto isso, conversávamos:

*Eu: O que tu aprendeu sobre as coisas que o mediador falou?*

*Ryan: Nada! Eu já sabia tudo. Não precisa ter alguém explicando.*

*Eu: Tu também acha Bela?*

*- Não, elas não precisam!*

*João: Fica chato alguém explicando.*

*Maria: Mas, se não tiver um adulto, as crianças vão tocar nas obras.*

*João: A gente não precisa, só as crianças pequenas.*



Durante a exposição Economia da Montagem, no espaço III, Emiliano fala ao colega sobre o comportamento com relação às obras.

*Matheus B: Tem escada!*

*Emiliano: É, mas a gente não vai subir aí, porque não pode!*

Em conversa com outro grupo de crianças, sobre a visita ao espaço III, as crianças falaram sobre o que viram:

P  
e  
d  
r  
o  
:



E

*Eu gostei da Porta do Gigante.*

*Valentina: Eu adorei aquela obra de flores, porque eu adoro flores.*

*Sophia: Eu gostei da obra da menina e do nenê.*

*Ryan: Eu fiquei triste com essa obra.*

*Isabela: Eu fiquei com vontade de chorar.*

*Sophia: Eu vou desenhar eu no colo da minha mãe.*

*Isabela: Eu não gostei daquela mulher mostrando a bunda.*

Vendo uma escultura em argila, no espaço III...

*Ryan: Ele tá preso na caixa, porque o irmão dele deu a caixa pra ele.*

*É ruim ficar preso... da vontade de sair!*

*Tá apertado!*

As crianças conversam sobre a escultura da imagem ao lado...

*Crianças: Ela tá chorando.*

*Ficou fraquinha.*

*Ela vai ficar doente sem sapato.*

*Ela não tem sapato porque é muito pobre.*

Vozes, corpos e contenção de corpos, atenção e dispersão, tentativas e frustrações. Novamente vozes! Impressões e opiniões, convenções e contestações, reflexões e inflexões. *Crianças!!* Aí estão elas, ao nosso redor, em nosso convívio. Convívio diário e em diversos lugares. Crianças que nos mostram a todo o momento suas peculiaridades e um modo diferente de estar



no mundo. *Encontros com crianças em espaços expositivos - Abrimos a “Porta do Gigante”* é o que apresento em minha Dissertação de Mestrado, na tentativa de capturar a riqueza do vivido com as crianças dentre turbilhões de reações e impressões

apresentadas na abertura deste trabalho. Esta investigação trata de um convite para pensarmos sobre como as crianças participam, entendem, vivenciam e expressam suas impressões nas visitas em diferentes espaços expositivos.

Talvez fosse sugestivo começar esta conversa pela indicação do título e na sequência, a própria narrativa das crianças. Sua origem do Latim *titulu* remete ao que descrevemos por inscrição, letreiro, rótulo; nome ou expressão que distingue e individualiza uma publicação; palavra ou palavras que, no alto de um capítulo, seção de livro ou periódico, artigo, notícia etc., dão indicação

da matéria ou assunto neles tratado; denominação por que é conhecida uma obra de arte.

*Rótulo*

*Expressão*

*Indicação*

*Denominação*

Estes sinônimos dão indicação do título que as crianças desta dissertação nos sugerem: o que e como elas nos apresentaram suas formas de estar e se relacionar nos espaços expositivos visitados.

Depois da qualificação de minha proposta em agosto de 2012, buscava um título que pudesse abarcar com mais precisão o que me propus a investigar sobre as crianças nos espaços expositivos: como elas se expressam em relação à arte, à mediação, aos espaços, o que iriam dizer, reagir, se opor foi e ainda é difícil definir, se é que isso é possível.

Todo esse turbilhão de palavras, ideias, movimentos, gestos, contenções, encaminhamentos foram, de algum modo, compondo meu trabalho. Assim, o *Abrimos a “Porta do Gigante”* sugere o que aconteceu durante a pesquisa, já que as crianças chamavam as portas dos espaços expositivos de “Porta do Gigante”. Quando chegávamos, o primeiro olhar recaía e diziam:

- *Olha a porta do Gigante! Olha a porta do Gigante!*, pois as portas dos espaços são de fato maiores que as portas comuns.

*Abrimos ela!* Uma porta de gigante, como as crianças dizem, que talvez não pudesse ser dita por um adulto, já que estas percepções são próprias das crianças. De uma relação entre real e imaginário, do brincar com o que parece, aos olhos de um adulto, nada implicar a isto... *Abrimos a porta!* E agora? A abertura propõe uma inversão de olhar. Um olhar que não é mais do adulto

sobre a arte, mas sim das crianças. Do seu diálogo sobre a arte nos espaços culturais de Porto Alegre. Da sua participação na construção do que talvez possa servir a nós, professores, mediadores, curadores, pais, mães, ou apenas como sugestão de uma proposta educativa para crianças em espaços expositivos. Do seu protagonismo<sup>3</sup> e intervenção daquilo que muitas vezes elas não são convidadas a falar – o “Gigante da arte”.

Mostrar as narrativas das crianças inicialmente objetiva problematizar o que de fato propomos quando falamos em pesquisa com crianças e o investimento em conhecer seus modos de ser e experimentar a arte. Além disso, propõe mostrar a complexidade do que comporta uma proposta de pesquisa que pretende dialogar com elas, perceber suas ações e sentimentos. O que de fato não damos conta em nossas propostas educativas. Daquilo que pertencem as crianças, quando juntam e que nós adultos separamos, do que buscamos, mas levamos para longe, do que é, mas elas dizem que não é mais.

Da discussão que ainda é recente, de uma metodologia de pesquisa com crianças ainda em construção, da busca de um rigor ético, como podemos transpor os modos pelos quais as crianças se expressam sem uma interferência das lógicas adultas de pensamento, da importância disso para a educação delas. Da difícil tarefa de pensar seu pensamento nas visitas em espaços expositivos, se é que isso é possível, e me junto a Larrosa (2004, p. 75), quando nos mostra a relação com a literatura.

Toda obra literária cobiça um silêncio, uma obscuridade. E é isso que diferencia sua linguagem da linguagem não literária, dessa linguagem arrogante e dominadora que pretende iluminar e esclarecer, explicar dar conta das coisas, dizer tudo. [...] a literatura não esgota aquilo que poeticamente ocupa, aquilo que não deixa, ao expressá-lo exausto e saturado. O misterioso expressado poeticamente, ao conservar seu mistério, conserva-se como fonte infinita de sentido. Por isso, a literatura continua nutrindo-se indefinidamente de seu segredo, de sua obscuridade, de seu silêncio.

---

<sup>3</sup> Protagonismo é um termo usado por alguns autores da Sociologia da Infância que indica um processo dependente e exclusivo da ação das crianças, tendo o adulto como consultor disponível e presente. (Soares, 2006)



E assim vejo essa relação das crianças com a arte como uma obra literária, e indago o que seriam de nossos textos, palavras, gestos e atos se não houvesse mistério, intervalos de silêncio? O que seria das crianças se não pudessem interpretar do seu jeito o mundo? O que seriam de nossos textos, palavras, se não houvesse mistério, se tudo com eles (as) fosse desvendado? O que seria de nós se não pudéssemos interpretar o mundo? Além de pensar sobre nossas proposições de palavras, o autor (idem) nos auxilia a pensar acerca de nós, professores, educadores de crianças, de adultos, mediadores do mundo. Mediadores para uma busca de nós mesmos. Aquilo que de fato está e não vemos. E a criança? Sujeito desta dissertação e que também está dentro do *enigma da infância* como se refere Larrosa. Enigma que certamente não desvendaremos e que se desvendássemos perderia a poética do sujeito criança. Perderia o mistério contido nela e, assim, não poderíamos mais nos nutrir por ela.

Em meio a esse turbilhão de ideias, chego nesse momento na escrita desta dissertação de mestrado através de um percurso traçado pelas experiências, interrogações e instigações, mistérios e poesias apreendidas em minhas interações com as crianças.

Na abertura da porta da pesquisa, imersa nessas diferentes experiências como e com crianças, senti-me instigada a pensar sobre como elas se expressam durante visitas a espaços expositivos. Como elas dialogam com a arte? O que pensam sobre os espaços destinados a receber exposições de arte? Como são suas manifestações? Como se relacionam com mediadores? Poder olhar para estas experimentações me permitiu conhecer melhor as crianças e o que elas pensam sobre arte. Permitiu também a participação destas na construção de um novo olhar educativo sobre esses espaços culturais e conduzir, quem sabe, a uma nova forma de planejar, organizar, receber e montar estratégias para recebê-las, pois o que mostro é o que elas têm a dizer sobre a forma como as crianças participam das visitas à exposições de arte da cidade.

O que trago até aqui compõe o capítulo introdutório desta dissertação e é nele que procuro trazer o desafio de um olhar agora mediado pelas crianças

na reflexão sobre os espaços expositivos. Reflexões sobre os desafios de uma pesquisa ainda recente, a minha relação com as crianças e a problemática desta pesquisa.

No segundo capítulo *Antes de abrir - Olha a “porta do Gigante”!* trago, o percurso que me levou querer realizar pesquisa com crianças. A minha própria infância, minha relação com as crianças como educadora de infâncias e alguns episódios que foram fundamentais para pensar a relação das crianças com a arte.

*As crianças são convidadas a falar sobre arte?* o terceiro capítulo desta dissertação trata da junção desses dois eixos que são as crianças e a arte. Para isto foi preciso organizar fatores que me levaram a compor esta reflexão, partindo de elementos conceituais referentes aos estudos de crianças e infâncias e a partir de elementos trazidos pelas crianças através do seu modo de se relacionar com as obras, com os espaços expositivos e a proposta educativa destes, através dos mediadores.

No quarto capítulo, que nomeio com alguma das reflexões das crianças, *É ruim ficar preso da vontade de sair!* - organização de uma investigação com crianças, apresento a organização da pesquisa. Aborda algumas reflexões sobre o campo de pesquisa com elas, os participantes da pesquisa, as propostas e os instrumentos utilizados para a realização dos encontros com as crianças e os dados gerados a partir disto.

No capítulo cindo, analiso três eixos que delimito a partir dos encontros com as crianças e do modo como elas expressaram essa vivência. Na relação com a participação e expressão das crianças intitulo os eixos para as seguintes reflexões:

*O meu museu vai ser de outra cor! Crianças e espaço expositivo* - trata dos apontamentos das crianças com relação aos espaços expositivos em si, suas estruturas físicas, suas convenções, suas organizações;

*O branco e o preto podem ser laranja - Crianças e obras de arte* - reflete baseando-se nas dimensões levantadas pelas crianças a partir das obras de arte buscando, não somente, referências verbais, mas também outras formas de interação das crianças;

*Eu já sabia tudo. Não precisa ter alguém explicando - Crianças e mediação* - traz alguns episódios de interação das crianças com os mediadores dos espaços expositivos e busca compreender como ela se dá e como poderíamos pensar propostas educativas para as crianças nesses espaços tendo como referência e ponto de partida as próprias crianças;

*Abrimos a Porta do Gigante! E agora?* Sexto capítulo desta dissertação retoma alguns pontos trazidos durante o texto e reflete sobre o que se pode avançar com as referências das crianças frente às suas experiências em diferentes espaços de exposição.

## *2. Antes de abrir - Olha a “porta do Gigante”!*

No início desse caminho, avistado nas memórias da minha própria infância, que certamente é a marca mais profunda da minha escolha pelo trabalho com crianças e agora se funde a minha escolha por pesquisar com crianças. Nascida em Porto Alegre, aos três anos de idade, meus pais resolveram tentar uma nova vida na praia, em Balneário Pinhal. Lá vivíamos a experiência da relação com o mar, com a areia, o correr nas dunas, o descobrir peixes e botos, o andar de bicicleta com o pai, as costuras com a mãe, as brincadeiras no pátio de casa, a vida com a natureza. Lá vivíamos construções impossíveis de se fazer na cidade: a cabana de índio, o castelo de areia, a descida de caixa de papelão nas dunas, muitos reis e rainhas com fantasias feitas pela mãe, o banho de lagoa, o boiar o mar olhando as nuvens ou o céu azul, a pescaria, o nascimento e a morte dos cachorros. Um mundo novo, diferente daquele até então experimentado em Porto Alegre.

Vivi uma infância na praia como a de um poema de Luft (2005, p. 87):

*Brinquei com peixes e anjos,  
fui menina e fui rainha  
acompanhada e largada  
sempre a meia altura  
do chão  
A vida um barco, remos e ventos,  
tudo real e tudo  
ilusão.*

Lembro de minha infância muito nitidamente, das coisas vividas muito prazerosamente, da relação com os primos, da relação com os adultos. No

verão, todos reunidos na nossa casa da praia, longas brincadeiras faziam de nossas vidas um momento bastante especial e marcante para nós, crianças. Ainda hoje, faço o mesmo trajeto de casa para a praia, e ainda encontro algumas das flores que brinquei na infância. Recordo, por meio destas, alguns dos cheiros, cheiros da minha infância, e também alguns de vários momentos, intensos e inesquecíveis para mim. Trago lembranças de formas, tamanhos, sons que usava na infância como modo de entender o mundo. Momentos felizes, sem recordações de angústias ou sofrimento, não que esses não acontecessem, pois tiveram marcas de mortes, de perdas de amigos que voltavam para a cidade, do enfrentamento do fim de férias quando todo mundo voltava para cidade, do continuar na praia, tempo de verão para muitos, tempo de viver a infância para nós. Uma infância romântica, mas de uma memória sincera. Não posso negá-la, foi assim que a experienciei. Lembranças que me marcaram e que fazem parte do que me constitui hoje como mulher, como professora, como sujeito que pensa as infâncias e as crianças, como aluna pesquisadora, aprendiz-mestranda.

Mais tarde, o trabalho com as crianças. Sem experiência nenhuma em sala de aula, tentei, nessa primeira relação com os alunos de Educação Infantil, proporcionar um ambiente o mais prazeroso possível. Inventar e brincar foram as palavras-chave. Mesmo sem muita apropriação teórica naquele momento, o brincar para mim precisava fugir daquilo que a creche mais gostava de fazer – pedagogizar a brincadeira e garantir às crianças o brincar pelo brincar.

É este ter vivido intensamente as coisas da infância e do ser criança que me fazem lembrar do quão bom foram meus momentos de muitas invenções e peripécias. Da atenção de minha mãe e meu pai, da mediação de minhas tias nas organizações das coreografias de dança, espetáculos para a família. Do sentir o vento nordeste assobiar quando do empurrar o balanço com toda nossa força, com a mesma emoção de ir ao alto, voar. Esses momentos nortearam a minha didática inicial e, certamente, me constituem ao longo do percurso professoral, produzem diferentes experiências com as crianças bem pequenas, com crianças maiores, crianças da praia, da cidade, da periferia ou da escola privada.

Nesses encontros e caminhos percorridos, muitas foram as interrogações e buscas para entender as crianças. Quem eram esses seres que poderiam se entregar à criação de algo inusitado a partir de objetos dispostos em um pátio de escola? Junto à areia do mar? O que fazem estes seres ao inventarem palavras originais na tentativa de descrever algo, criar conceitos, entender as palavras, dar conta de como as coisas funcionam e por isso:

*- O arrumito é aquilo que vem lá do engolido!*

*\_ Profe, tu é cheirosa como as cores das flores!*

O que nos ensinam estes seres quando usam o pneu que vira barco pirata, o graveto, varinha mágica e um conjunto de bambolês uma “incrível ‘máquina de assoprar’?! Ou tratando do lugar de entender o mundo do museu, do espaço de arte e concluir:

*- Os museus não foram feitos para crianças!*

## *2.1. Por entre as frestas...*

Tentando situar aquilo que me instigou nessa dissertação, retomo minha experiência como professora de crianças. Das areias da praia ou enquadrando-as em minhas memórias, agora a cidade, observo que elas passam a compor um outro quadro que se agrega e se funde em imagens de obras de arte. Saio do quadro da pintura romântica ou naturalista que vivia na minha infância da praia para adentrar em um quadro composto por riscos, formas descompostas, sobreposições, apropriações...

As imagens de obras de arte contemporâneas na escola de educação infantil causam estranhamento, principalmente, nos adultos. Olhares atentos, vidrados, alguns narizes torcidos. Das crianças, as impressões:



*Como ele fez isso?(perguntou a criança tentando fazer a forma da escultura).*

*Eu: Quem quer imitar?*

*Criança: Prof, essa tem um monte de perna!*

*Eu: Como podemos fazer?. Ele tá sem camisa e sem calça.*

*Criança: Uhum ...LEGAL!*

Dos pais e colegas professores, outras impressões:

*Que coisa esquisita!*

*- Que horror isso!*

*- O que é esse monte de homem e mulher pelado?,* entre outras impressões também curiosas.

Esta experiência serviu como o grande condutor para minhas inquietações a respeito das impressões das crianças em exposições de arte e, de algum modo, conduziram meu pensamento e meu desejo de tratar deste tema.

Foi a partir dessa experiência, no ano de 2011, em uma turma de Maternal<sup>4</sup>, que desenvolvi um projeto de arte, com enfoque na linguagem

---

<sup>4</sup> Fundação Educacional João XXIII.

artística de esculturas, com as crianças entre 2 e 4 anos. O projeto “Eu, o mundo e a arte através das esculturas”<sup>5</sup> surgiu durante o período de adaptação, no início do ano letivo. Nesse momento inicial de convívio com o grupo, procurava propor brincadeiras, histórias e canções para que pudéssemos estar juntos. A partir de algumas brincadeiras com o corpo, trouxe para as crianças imagens das esculturas do artista contemporâneo – Edgard de Souza, as quais sugerem interpretações de movimentos e posições com o corpo.

A partir dessas interpretações das crianças e do envolvimento delas com as imagens, começamos a explorar alguns objetos artísticos que remetem à ideia da corporeidade. Mais tarde, também exploramos outros objetos, elementos e esculturas como expressão de linguagem, sentimento e conhecimento.

A tentativa de dialogar com o universo de imagens que circulam hoje, as quais as crianças têm acesso, como discute Cunha (2007), ocasionam processos educativos, se dá pela concepção de que as imagens ensinam e que produzem efeitos nos sujeitos. Esses processos educativos, que a autora (idem) denomina de *pedagogias visuais*, “efetuados pelas imagens e que passam por um currículo paralelo, dentro e fora das escolas, funcionando como uma espécie de currículo visual” (p.136), constituem parte da educação das crianças, com representações de infâncias enquadradas por determinados padrões, não somente estéticos mas comportamentais também. A proposição de novos desafios para o ensino de artes, “olhando para os trajetos que as crianças traçam em seu pensamento” (MARTINS, 2007, p.153), torna necessária a entrada de outras imagens dentro do espaço escolar. Essa oportunidade que damos às crianças, sobretudo pelo aspecto da arte contemporânea, como foi em meu projeto de trabalho com a turma de maternal, traduz a riqueza e a potencialidade que os “pequenos” têm em dialogar com o universo da arte de modo que isso contribua para a forma como eles exploram e expressam seus entendimentos de mundo.

---

<sup>5</sup> Tal projeto foi agraciado com a *Menção Honrosa* no Salão de Iniciação Científica (SIC/2011) promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 27



A partir, então, do contexto que vivíamos pelo projeto de arte e, acreditando na dimensão educativa do espaço de museus como promotor de apropriações e produção de sentidos, organizamos uma visita à exposição da artista Regina Silveira, na Fundação Iberê Camargo. Uma visita que concebe não somente um caráter educativo e cultural, mas também um lugar de encontro de nós mesmos, do outro, da diferença. Uma visita que possibilita infinitas trocas, múltiplas idéias e sensações. Momento de entrega para o *encontro com a obra*, como diz Leite e Ostetto (2010), [...] pois ao ficar diante da obra, pode acontecer a experiência da alteridade: eu encontro o outro e recebo sua diferença, e, então, encontro-me comigo mesmo. (p.15)

Eis o dia da visita à Fundação Iberê camargo! As crianças de saída manifestam-se a uma mediadora que lhes fala da impossibilidade de se tocar numa obra de arte. Elas queriam saber sobre o porquê não se pode tocar em uma obra de arte e uma delas lhe fala: - *É por que tu não deixa!?* Esta conversa nos ensina sobre o que elas pensam sobre espaços e obras de arte que entrelaçam distanciamentos, aproximações, ou seja, fios emaranhados! Intrigas, questionamentos, espanto, não aceitação ao descaso a que muitas vezes as crianças são tratadas em diferentes espaços culturais apenas por serem crianças, aqueles que sabem menos, têm menos força e não têm maturidade. São estas experiências que me levaram a esta proposta de Dissertação de Mestrado e a querer pensar sobre os olhares, as falas, os corpos das crianças em espaços expositivos.

### *3. As crianças são convidadas a falar sobre arte?*

*“Nós vamos no Iberê, Amanda?”*

Assim que afirmei nossa ida, Antônio abraçou seu amigo que estava ao lado, expressando também com seu corpo o que sentia. Percebamos o quanto é interessante o valor que essa criança tão pequena já depositara naquele espaço cultural. Um espaço que certamente seus pais legitimavam como um espaço “legal” e importante, e que nós, como escola, supervalorizamos, e reconhecemos também como um lugar de educação e cultura imperioso para as crianças.

*“OLHA O IBERÊ!” “CHEGAMOS, CHEGAMOS!”*

Toda aquela empolgação, refletida também pela estética do prédio, me provoca e me provocou a pensar nessa relação que envolve espaços de arte e crianças pequenas. Quanta sensibilidade concomitante: crianças/obras de arte...

Dentro destes questionamentos, reconheço a importância do trabalho educativo dentro desses espaços culturais, lugar de múltiplas trocas, aprendizagens, ideias e sensações através da relação que a criança irá estabelecer com as produções artísticas. Reconheço também a legitimidade do contexto social, cultural que os próprios espaços de arte carregam consigo e que as crianças desde muito pequenas também são capazes de reconhecer. E dessa forma, também, reconheço a importância da mediação que nós, educadores, sejamos professores ou mediadores, exercemos já que o acesso aos bens culturais e artísticos de uma criança se dá pela mediação também de um adulto.

*Professora da Turma: Lá no museu, não podemos tocar nas obras de arte e não podemos correr... Lá inclusive tem “guardas” para cuidar as pessoas.*

*Ryan, 4 anos: Mas, e se os guardas e as professoras correrem e tocarem nas obras, eles vão obedecer às crianças?*

Ryan não se conteve em responder às observações da professora que enfatizava sobre o comportamento adequado dentro de um museu. Esta foi a conversa com as crianças do grupo de pesquisa antes de irmos à Fundação Iberê Camargo, segunda visita do grupo à exposição. Durante a primeira visita, tivemos que, como adultos que acompanhavam as crianças, em vários momentos, mediar situações em que as crianças queriam tocar, e muitas vezes tocaram nas obras.

*- Não pode gritar neste espaço, tá legal! Eu entendo que aqui é muito grandão e dá muita vontade de gritar, mas vamos segurar a vontade e guardar ela dentro a gente,* disse a professora às crianças logo no início da visita. No entanto, Ryan nos aponta para algumas questões que nos ajudam a pensar sobre as crianças como atores sociais, sujeitos de direito e participação. ‘

Fernandes (2009) discute o direito de participação das crianças e o reconhecimento delas como atores que passam a incluir as *leituras e interpretações* na sua relação com o mundo. Nesse sentido, a autora (idem) nos ajuda a pensar sobre uma das questões que problematizo nesta dissertação e que Ryan também nos aponta e que remete a outra seção da dissertação.

### *3.1. Por que abrir a Porta do Gigante com as crianças?*

Com a emergência da garantia de direitos dos grupos minoritários, as crianças também foram associadas a tais lutas contra a opressão e a desigualdade. Num processo gradativo, as crianças vão sendo contempladas com a garantia de cuidado e de proteção dos adultos, com os direitos de nome, nacionalidade e com o direito de brincar, para também o respeito pelas suas opiniões e participação. Essa projeção esta vinculada à nova implicação sobre

imagem de criança e infância como sujeitos ativos e categoria social. Tal reconhecimento marca o respeito e o exercício de seus direitos como meta primária na construção de implementação de políticas sociais.

Esta nova perspectiva também aponta o antagonismo do exercício de direito e participação das crianças. De um lado, o respeito às suas vulnerabilidades e, de outro, o reconhecimento de suas competências. Fernandes (2000, p. 48) relata que a

(...) investigação mostra-nos que, apesar de ser real a sua vulnerabilidade, podendo haver sequelas a longo termo se não for acautelada a sua exposição a determinados riscos, a prolongada proteção, promotora de dependência e da falta de poder, tem também grandes implicações no seu desenvolvimento.

Vinculada ao enfoque proposto pela Sociologia da infância que reconhece a criança com o direito de participação no processo de socialização e na ausência da participação dela nas discussões sobre suas experiências com arte, esta pesquisa procura responder:

*Como as crianças se expressam durante visitas aos espaços culturais?*

Pensando na importância da discussão que as pesquisas com crianças vêm apontando e na importância de um olhar acerca das impressões destas crianças em seus diferentes espaços de vida vivida, Dornelles (2005) trata de discutir o peso que ainda carregamos das teorias modernas, principalmente das concepções médicas e do campo da psicologia. A autora explica que, apesar de estarmos vivendo na contemporaneidade, fomos por muito tempo educados, ensinados e produzidos sobre a perspectiva moderna. Dessa forma, também nos inquieta Kohan (2007, p.4, grifo meu) ao

Pensar a infância desde outra marca ou, melhor, a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação, como força e não como incapacidade. **Essa mudança de percepção vai gerar outras mudanças nos espaços outorgados à infância no pensamento e nas instituições pensadas para acolhê-la.**

*Presença e não ausência,*

*afirmação e não negação,*

*força e não incapacidade.*

É dessa forma que esperamos que nossas crianças sejam recebidas. Não somente nas escolas como também em qualquer instituição que se propõe a atendê-las.

Mesmo que muitas vezes a mediação em museus e centros culturais ainda não tivesse seu devido reconhecimento, como relata Alderoqui (2011), e também um “olhar mais apurado” sobre a intervenção com distintos tipos de público, é necessário que estes espaços sejam legitimados e responsabilizados como espaços de educação, assim como espaços de formação de crianças pequenas também.

A criança, [...], faz parte da história da humanidade e, como tal, também escreve e se inscreve na história coletiva. Ela vive a realidade, transforma-a e é por ela transformada. Para tal, é necessário que possa trocar, dialogar, questionar aquilo que vê. (LEITE, 2005, p. 51)

Para a autora, buscar um lugar como os museus e centros culturais, buscar uma experiência estética às crianças pequenas, está diretamente ligado à concepção que tivermos de arte, de museu e de educação. E digo mais, toda a ação pedagógica destinada às crianças nestes locais está diretamente ligada ao que pensamos dela.

*Presença e/ou ausência, afirmação e/ou negação, força e/ou incapacidade?*

Desse modo, entendendo a complexidade de que trata uma pesquisa preocupada em mostrar as formas de participação infantil, esta dissertação tem como objetivo trazer as expressões das crianças no âmbito da arte e assim discutir e conhecer os diferentes jeitos de ser das crianças, assim como pensar no que isto pode contribuir para a educação delas.

Como dito anteriormente, chego aqui pelo meu envolvimento com as crianças. Sujeitos que diariamente me surpreendem com seus modos de viver

no mundo e com os outros. Seres sinceros, amáveis, dissimulados e irritantes, ainda selvagens aos nossos olhos, como nos diz Larrosa. Da fidelidade das palavras lançadas ao mundo e aos outros, do desprendimento e envolvimento com nossa cultura e convenções sociais, as crianças nos mostram um outro olhar das coisas, um outro modo de experiência no mundo, diferente do modo como as olhamos e as definimos.

Trago, então, dois episódios para nos aproximarmos da experiência das crianças nesses espaços de arte. A primeira caixa é referente a uma conversa da mediadora com as crianças sobre a obra do artista Rafael Pagatini “Passagem”, e a segunda traz algumas intervenções da mediadora a partir da obra da artista Ione Saldana “Em Paralelo”.

*A mediadora pergunta: Será que era um dia de sol ou de chuva?*

*João responde: - De noite.*

*- De noite, por que será?, pergunta a mediadora novamente*

*João então é enfático: Porque sim ué!*

*Algumas risadas*

*Matheus explica para a mediadora: Porque tá tudo preto.*

*- Vamos sentar aqui perto da obra. Olha só o que eu vou fazer. A mediadora passa a mão por trás da obra.*

*Duda se levanta e olha a professora, pois pretendia fazer o mesmo gesto da mediadora, mas para... e espera.*

*- Agora eu vou contar um segredo pra vocês. Estão vendo aqueles fios lá em cima?*

*Duda agora se aproxima da obra, mas a mediadora a segura. Ela resiste e insiste em se aproximar. Com ela mais crianças se levantam para ver como a obra “funciona” pendurada nos fios. Querem ir do outro lado da obra. Todas as professoras e mediadoras se movimentam rápido para conter as crianças.*

Estes dois episódios mostram um pouco o modo de ser das crianças em suas relações com adultos-mediadores. Na primeira narrativa, João responde à

pergunta da mediadora sem usar as descrições que ela sugere. Na segunda, as crianças mostram, inicialmente com Duda, que olhar a obra a partir de um único ângulo não é suficiente e que precisam se deslocar para observar como a obra está exposta. Para pensar nesse outro jeito de olhar, pensar e sentir as coisas, compartilho com Larrosa suas reflexões sobre como nós, adultos, experienciamos algo. De um modo diferente das crianças, estamos subjetivados o tempo todo a efeitos exteriores que nos constituem, nos produzem e produzimos, nos subjetivam.

Porque quando ao ler, ao escutar e ao olhar, estamos constantemente obrigados a envolver nossa pessoa e nossa cultura, anulamos o silêncio, somos levados a nos perder. Envolver sua pessoa é não poder desprender-se da arrogância desta instituição social chamada “eu” ou “indivíduo pessoal”. Envolver sua cultura é não poder se separar dessas modalidades de respostas mecânicas e repetitivas cuja função principal é produzir e reproduzir esta outra instituição social agressiva e arrogante chamada “mundo verdadeiro”. (idem, 2004, p. 48)

Relembrando as manifestações das crianças citadas anteriormente, podemos pensar que o envolvimento delas com nossa cultura é diferente de nós adultos (no caso do mediador), como reflete o autor (idem). É esta forma de envolvimento que também pretendo abordar quando pensamos um espaço de arte e a educação das crianças.

“Do espírito de criança à criança de espírito” com este título de uma das reflexões de Larrosa sobre a experiência, podemos fazer uma relação sobre o modo como as crianças “dizem” o mundo. A inversão do olhar da *infância não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela* (p.16) abre uma discussão diferente daquele vínhamos fazendo na educação das crianças. É deste enfoque que pretendo falar, daquele que o envolvimento com o mundo e com sua *cultura* é tramado de outro modo, de um jeito único. Dos modos de viver a experiência da arte que podem participar das nossas discussões sobre as propostas educativas dos museus e espaços culturais destinadas ao público infantil.

Nesse sentido, a partir do posicionamento dos autores da Sociologia da Infância e da discussão filosófica de Larrosa e Kohan, penso na importância da pesquisa com as crianças na contemporaneidade, entendendo que estes

estudos recentes apontam para um novo referencial que se impõe, principalmente pelo reconhecimento da complexidade da infância, com necessidade de pensar sobre outras experiências reais e vividas pelas crianças. Mesmo com essas mudanças a respeito dos estudos sobre infância no meio acadêmico, as crianças ainda são compreendidas pelo mundo adulto como aqueles que menos sabem, que têm menos maturidade e menos força (Sarmiento, 2007). Dessa forma a pesquisa com crianças sugere uma mudança na forma como vemos as crianças.

Isso nos leva a refletir que estas duas imagens de infância parecem não dar conta de toda a complexidade das infâncias e da educação das crianças. Nesse sentido é importante não só retomar aspectos da pesquisa acadêmica como também aqueles referentes aos conceitos de criança/infância constituídos socialmente. Para tal confio que: “[...] chegou o tempo de ouvir as crianças”, assim diz Gottlieb (2010) na apresentação do livro *Infância em perspectiva: políticas, pesquisa e instituições*. Trago esta frase, como forma de dar ênfase ao principal objetivo desta pesquisa, que está focado nas diferentes expressões das crianças em visitas a exposições de arte. Acreditar na criança como protagonista em seus modos de pensar, sentir e agir em diferentes espaços sociais poderá, quem sabe, contribuir para maior extensão em torno da discussão das diferentes formas de educar crianças pequenas.

*Eu queria tocar, mas eu  
tô segurando a vontade!*  
Isabela

*- Tá chovendo ou tem sol?  
Mediadora perguntando  
sobre tela.  
- Não, é noite! Isabela.*

*- O que tem o quadro? É calmo  
ou triste? Mediador  
- Alegre! Eduarda.*

*Tem nariz no quadro, hahaha!*  
  
*Guilherme e João encostando cada um o seu nariz  
na obra do artista Rafael Pagatini.*



Percebemos, diante da reação das crianças com os mediadores e obras de arte, um modo específico de interpretação de mundo e uma produção gráfico-plástica diferenciada. Esse aspecto proposto nas discussões da Sociologia da Infância é o que define um grupo social com especificidades que o distinguem dos demais. Esta dissertação pretende contornar este campo da investigação com crianças, convidando-as a “falar” sobre arte, a estar em espaços expositivos e a olhar para estes acontecimentos e experiências respeitando-lhes também o direito de participação na *construção da cidadania da infância* (Fernandes, 2006).

Larrosa (2004) vai nos falar do *Enigma que é a Infância ou do que vai do impossível ao verdadeiro*. Daquilo que até então desvendamos ao seu respeito e daquilo que insiste em ser: *as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua* (p.183). É este *enigma* que esta pesquisa está-se propondo a discutir. Não no sentido de desvendamento, mas uma discussão que nos conduz a novas organizações para a implementação de políticas sociais e educativas para as crianças e também de uma nova postura como pesquisador, que se propõe a olhar para elas a partir delas mesmas, e não mais daquilo que outros campos teóricos nos ajudaram a construir. Não mais a partir das nossas instituições adaptadas às necessidades das delas e uma proposta pedagógica previsível a determinadas características que conhecemos e estudamos. Ao que o autor (idem) nos propõe a pensar, me baseio também na ideia de uma infância que apesar de toda tentativa de captura, ainda nos escapa. Para isso, pensar uma proposta de pesquisa com as crianças possibilita, principalmente, assumirmos aquilo que ainda não sabemos sobre elas, o que ainda é desconhecido. Nesse sentido, norteio uma discussão em torno de algumas questões para que se possa mudar o ângulo do olhar, que não é mais o nosso e sim o das crianças.

*O que as crianças nos apontam a partir de visitas a exposições de arte?*

*Quais as suas impressões diante de obras de arte e destes locais?*

*O que elas falam?*

*Como elas reagem?*

Talvez os questionamentos apontados nos ajude a contrapor um pensamento comum na sociedade, ou seja, o de que “as crianças são pequenas, elas não vão entender o que aqui se apresenta como ouvimos ao chegar com o grupo”, ou ainda, “o que de importante tem para as crianças ao se falar de uma exposição de arte?”. Tais indagações me remetem a Tomás que aponta:

Para escrever sobre a infância é necessário tê-la e compreendê-la, mesmo que muitas vezes ela se mostre, à primeira abordagem, ilegível, incompreensível. Escrever sobre a infância é, afinal, uma tentativa de mapear a multiplicidade dos sentidos, as múltiplas vozes e as diferentes escalas onde as crianças se movem e são movidas (TOMÁS, 2011, p,134).

A partir do que nos ensina a autora e da perspectiva apontada por um adulto ao recepcionar as crianças, considero relevante o pensamento de que, em se tratando de uma pesquisa com crianças, coloca-se em evidência não somente as *vozes das crianças*, mas toda reação dela com relação ao espaço, às obras e aos mediadores, já que consideramos que todas as crianças podem produzir narrativas diferentes, independente de suas idades.

*Seus olhares,*



*seus corpos,*



*sua voz.*

*Olha a "Porta do Gigante"!*

#### *4. É ruim ficar preso da vontade de sair! - organização de uma investigação com crianças*

O desafio referente às pesquisas realizadas atualmente com crianças está no encontro de uma metodologia que possa tornar evidente o ponto de vista delas. Dentro deste contexto, e baseada nas discussões da Sociologia da Infância, apresento minha metodologia de pesquisa com crianças que está baseada na construção de novas e diferentes ferramentas metodológicas e interpretação das crianças para a construção de um conhecimento mais efetivo acerca de suas expressões dentro de espaços expositivos. O contributo das metodologias de pesquisa com crianças tem como ideia *potencializar as relações que as crianças estabelecem entre si, o que poderá ajudar-nos a melhor considerar seus desejos, envolvimento e expectativas diante das relações em que estão imbricadas(...)* (MARTINS E FILHO, 2011, p. 03). O desafio destas metodologias está na definição de novas ferramentas metodológicas e no posicionamento de uma nova postura do investigador, que serão agora compartilhados com a voz das crianças. A proposta inicial de pesquisa teve como foco analisar os percursos da mediação, as ações – das crianças e mediadores, as interdições da própria exposição com os limites definidos pelo espaço expositivo, entre outros aspectos que envolvem a ação educativa.

No diálogo com a banca, com as recomendações e sugestões desta, pudemos rever o objeto de minha pesquisa e identificar o que realmente me era significativo. Passar de uma proposta que compreendia a ação dos mediadores e das crianças, para focar nas vozes e ações das crianças. A partir desta “conversa”, fui apurando nossos estudos, nossas intenções e paixões para definir mais uma vez sobre o que realmente esta dissertação versaria.

Contudo, entendi que, para dar conta das manifestações das crianças, foi necessário organizar uma metodologia que pudesse envolver as expressões, pensamentos e jeitos de ser delas. Nesta relação direta com as crianças, pude retomar a atenção a três dimensões das crianças em suas

relações com as obras, com os espaços expositivos e em relação aos adultos – mediadores e professoras.



É desse entrelaçamento que pretendo falar, das impressões das crianças, o que entendem sobre o que encontram em uma exposição de arte. É nesse lugar que pretendo adentrar com as crianças, ou seja, compartilhar com elas sobre o que pensam a respeito da mediação, das obras e dos espaços culturais, sobretudo, por acreditar que elas podem falar sobre algo que para muitos não lhes pertence: *a alteridade de falar sobre arte*. Sobretudo também pela ausência da participação das crianças nas discussões dos espaços de arte e do distanciamento que ainda existe nas propostas educativas para com as particularidades do modo como as crianças experimentam os espaços de arte.

*Crianças em exposições de arte! Que implicações isso tem? Ou melhor, o que elas irão nos mostrar?*

Propor uma pesquisa que pudesse ouvir as crianças, tornar suas impressões dentro de um espaço de arte o primeiro plano de uma pesquisa, poderá suscitar não somente um conhecimento maior da infância e das crianças, mas também o conhecimento de um sujeito capaz de nos mostrar algumas das subjetividades do pensamento delas sobre a arte.

### *Crianças pequenas falando sobre arte!*

A princípio a proposta seria realizada do Santander Cultural onde eu iria observar cinco visitas mediadas com crianças. O grupo a ser observado seria aleatório, no entanto alguns aspectos importantes não haviam sido levados em consideração, como o relativo a minha aproximação com as crianças e, principalmente, relativo ao meu vínculo com o grupo. Foi a partir da avaliação da banca que pudemos ter a certeza da necessidade de um grupo fixo. Este princípio vem sendo levado em consideração no campo das pesquisas com crianças como aponta novamente Demartini (2011, p. 17) em suas análises com crianças bem pequenas, revelando

[...] que se o entrevistador não conseguir estabelecer com as crianças certo grau de relacionamento, se não conseguir estabelecer certo grau de respeito, de intimidade, para que se crie certa abertura, não vai obter fala nenhuma, não vai obter resposta aquilo que está propondo.

É inegável que, na contemporaneidade, os conceitos de infância e criança vêm sofrendo transformações, sobretudo apontadas pelos estudos da Sociologia da Infância. A contestação, principalmente da posição adultocêntrica das representações da infância, assim como das pesquisas referentes aos sujeitos infantis, abre caminho para o desenvolvimento de novas formas de investigação buscando diferentes possibilidades metodológicas para que a “voz” das crianças seja efetiva. Saramago (2001) aponta que é necessário ao investigador que se propõe a fazer pesquisa com crianças escapar do padrão típico de relacionamento entre adulto e criança, criando novos espaços de interação.

A pesquisa com crianças traz a abertura para novos parâmetros de análises e de compreensão a respeito das crianças. Esses estudos passam a considerar as “dimensões interacionistas das pesquisas com crianças”

(SARMENTO E GOUVEA, 2009, p. 12), o que remete, de certo modo, a um novo entendimento referente às crianças e à participação delas na vida em sociedade, respeitando suas opiniões e garantindo seus direitos quanto à tomada de decisões e inclusão do processo de cidadania da infância.

### *Crianças e Arte*

#### *Arte e educação de crianças*

#### *Arte e crianças*

De que forma as crianças e a arte e essas práticas educativas estão envolvidas na perspectiva desses estudos contemporâneos e, especialmente, em uma nova perspectiva de pesquisa que não dimensiona mais o *sobre* crianças, mas sim, o *para e com* crianças? Essa nova perspectiva “ajuda a pensar com as crianças e deixar-se pensar pelas crianças, é a oportunidade de esvaziar-se, um esvaziamento daquilo que se crê saber sobre as crianças e a infância para que novos saberes possam nascer” (CHIAPPERINI, 2007, p. 18)

O princípio da Sociologia da Infância está na busca de um maior entendimento da infância e dentro deste aspecto está o diálogo direto com elas. Desta forma, podemos conhecer seus diferentes modos de ser criança. Martins Filho & Prado (2011) destacam algumas pesquisas realizadas com crianças e alguns estudos referentes a esta nova metodologia apresentada. Estas pesquisas trazem uma forma diferenciada de *condições de existência das crianças, apontando uma pluralidade de ser a elas pertencente* (p. 2). Reconhece-se também a complexidade da infância que se apresentam completamente heterogênea, mas dentro de uma singularidade dos seus modos de ser. Estas pesquisas e autores defendem as *crianças como sujeitos sociais e culturais que elaboram modos de pensar, sentir, saber, fazer e dizer próprios* (p.4).

### *Assumi-la*

### *Reconhecê-la*

*Acreditá-la*

*Estudá-la...*

Tornar a criança pauta de nossas discussões, deixando que sua voz também se agregue a nossa escuta, certamente numa busca constante de compreensão e entendimento. Desse modo, a proposta desta dissertação de mestrado incorpora uma metodologia que possa dimensionar como as crianças pequenas se expressam em exposições de arte. Deixar referido o quanto pode ser importante a experiência vivida por elas em um espaço reconhecido e legitimado como instituições de formação e “culturalmente relevante”. Para, talvez, entender que a vivência enriquecida da participação das crianças nos eventos culturais da cidade, como são as exposições de arte, possam colaborar para que estas cada vez mais nos ensinem que “Os olhos com que veem esse mundo têm a limpidez e a perturbação dos primeiros olhares; é por eles que descobrem objetos, nexos e sentidos que não é legítimo de modo nenhum desprezar” (SARMENTO,



2011, p, 55). *É ruim ficar preso da vontade de sair! Tá apertado!* Assim Ryan e Emiliano de 4 anos dizem ao ver uma escultura que mostra um bebê dentro de uma caixa. É dessa forma que também a pesquisa pretende oportunizar que as crianças possam falar, expressar, viver, “abrir a porta” da arte. Do gigante da arte! Daquela que somente os adultos são convidados a falar. Oportunizar que elas não mais estejam *apertadas, presas ou com a vontade de sair*.

Os estudos da Sociologia da Infância será uma das vertentes de pensamento e diálogo que me influencia nesta dissertação. Discutir, trazer para o debate o que as crianças pensam sobre exposições de arte não é e não poderá ser uma tarefa simples. Primeiramente por ser uma pesquisa que demanda uma metodologia diferenciada e que ainda é recente nos estudos



referentes à infância. Nesse sentido, avalia-se necessário lidar com mais de um procedimento metodológico, tanto para a produção de dados como para a análise deles que possam efetivamente obter a experiência das crianças. Em segundo lugar, por se tratar da infância não mais, ou não somente, nos aspectos científicos e também sociais, que a tradição das pesquisas sobre crianças vinha abrangendo, abordando principalmente a vulnerabilidade, imaturidade, irracionalidade e aspectos psicológicos da infância. E um terceiro aspecto está relacionado à discussão desta nova conjuntura de perspectivas com relação às crianças e aos aspectos da arte, aos espaços que tradicionalmente compreendem uma série de convenções culturais e as propostas educativas referentes às crianças.

#### *4.1. Olha a Porta do Gigante! Olha a Porta do Gigante! Compacto da trajetória de pesquisa*

Considerar as crianças como actores ou parceiros de investigação e a infância como objeto de investigação por seu próprio direito, encarar e respeitar as crianças como pessoas e abandonar as concepções conservadoras e ancestrais de exercício de poder e tutela do adulto sobre a criança, para que lhe seja restituída a voz e a visibilidade enquanto atores sociais, são atitudes essenciais na construção de uma ética de investigação com crianças, (...) (FERNANDES, 2006, p. 32)

#### *Ética na investigação...*

Este é um ponto extremamente importante na tratativa do campo da investigação participativa e recente na linguagem científica. Envolve o paradigma das pesquisas com crianças com a condição de uma proposta metodológica produzida e conduzida por um adulto. Isso, de certo modo, pode restringir a forma como as crianças são estudadas, já que nós, pesquisadores, predefinimos objetivos. As consequências negativas destes paradigmas, se é que assim podemos dizer, poderão acontecer principalmente quando esta

investigação não pressupor um envolvimento com as crianças e com alguns aspectos da pesquisa como a escolha dos instrumentos pedagógicos, a forma como serão propostos os encontros com as crianças, a clareza dos objetivos da pesquisa, a consideração sobre o que a pesquisa pode acarretar para as crianças, assim como o termo de consentimento informado da criança, que tornará possível a liberdade de escolha delas sobre a participação no processo de investigação. A condução do adulto pode significar, como diz Ferreira (2009), que as crianças podem ser olhadas, mas não observadas, ouvidas mas não escutadas, “uma vez que os adultos continuam do ‘lado de cá’, ou podendo até ‘estar lá’, mas afinal não ‘estar com’ elas.” (p.149).

*Advogar a reflexividade metodológica é preciso.*

Foi assim que fui construindo com as crianças pressupostos metodológicos que me possibilitassem

Entender, portanto, que o “desenho metodológico de uma pesquisa não está (e nem poderia estar) fechado, e decidido a priori e que não pode ser ‘replicado’ do mesmo modo, por qualquer pessoa, em qualquer tempo” (Meyer, 2012, p.20). Tal perspectiva vai orientar o modo como fazemos nossas pesquisas com crianças, como perguntamos e formulamos os problemas a serem investigados com elas. Inventarmos a partir delas novos territórios, novos questionamentos, inventarmos novos caminhos para estarmos com elas e isso irá colaborar para darmos visibilidade a seus ditos, principalmente se nos despirmos de nossas verdades, das certezas construídas até aqui quando se trata de pesquisas infâncias colocando-as em suspenso (DORNELLES, 2013, p.7, no prelo).

Desse jeito fomos delineando nossos modos de fazer pesquisa, delineando temáticas, propondo discussões, organizando nossas saídas. Entendo que, para *Advogar a reflexividade metodológica, é preciso*, retomando Ferreira (2009), poder entender toda a complexidade da proposta deste processo investigativo. Refletir a relação adulto e criança, os imprevistos, da flexibilidade e a organização, a consciência daquilo que carregamos – adultos e crianças - da cultura, dos convívios sociais, do gênero, das relações de poder. Dessa forma, construí uma proposta de pesquisa, na tentativa de tornar coerente nosso reconhecimento da infância, assim como tornar possível cruzamentos, contornos, retrocessos, proibições, vidas, risadas, perguntas que

causem espanto, o que se desagrega e se reordena na ordem de ser e estar com as crianças.

Como já revelado acima, a necessidade da organização de um grupo fixo de pesquisa, principalmente por se tratar de uma pesquisa com crianças seria importante e necessária para o desenvolvimento desta dissertação. Comecei a pensar em uma escola de Educação Infantil para que pudesse propor esta pesquisa e organizar um grupo de criança para acompanharmos nas visitas às exposições de arte. Imediatamente pensei na escola de Educação Infantil Infâncias, localizada no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no centro da cidade. Como nosso grupo de pesquisa já tinha contato com a Diretora da escola aqui na universidade, a abertura da escola para a apresentação desta proposta de pesquisa foi imediata. Os primeiros contatos com a escola foram por telefone, e mais tarde então, com o material organizado para a apresentação da metodologia de pesquisa e um cronograma, marcamos uma conversa na escola.

*Apresentei a proposta de pesquisa à diretora da escola Infâncias.*

Falamos sobre os objetivos da pesquisa, como aconteceria e a importância dela para as crianças. Mais tarde conversamos, eu, a diretora e as professoras das turmas de jardim sobre a pesquisa e avaliamos que a turma do Jardim A seria então o grupo que poderia contribuir, naquele momento com a pesquisa. Nesta conversa inicial, a diretora já demonstrou grande apreço pela proposta e disse que estas visitas fariam parte também do planejamento da escola e não somente uma proposta paralela aos projetos da turma. Neste primeiro encontro, também ficou combinado que, antes das visitas às exposições, eu me encontraria com as crianças na escola para que elas pudessem me conhecer e eu a elas. Estes encontros se pautariam principalmente em um brincar pelo brincar, necessário e importante quando tratamos de pesquisa com crianças. A entrada de campo, momentos de proximidade gradativa dariam o tempo e a medida para que eu pudesse construir um vínculo com o grupo, e assim garantir que, além das reações espontâneas que elas tivessem nas exposições, eu também pudesse estabelecer e garantir um diálogo significativo e espontâneo com elas. Ou seja,

que aos poucos fosse se criando uma vivência prazerosa, de aprendizagem, de confiança com o grupo não só de crianças, mas que isso também se revelasse na relação com as professoras delas. Era importante também que se pudesse, nesses encontros, garantir espaço para o imprevisto e entender como Kleiin e Damico (In. MEYER E PARAÍSO, 2012) que “o processo de pesquisa também inclui descontinuidades, interrupções e imprevisibilidades inerentes à implantação” (p.73) de novos modos de se pesquisar com crianças. Dessa forma, pude mapear outras ou novas ferramentas a serem utilizadas com as crianças nas exposições.

*No mesmo dia fui ao encontro do grupo de crianças.*

Nesta primeira conversa com a escola não vimos, eu, a diretora e as professoras, a necessidade de estipular um número exato de encontros, mas que esses pudessem ser efetivos na minha aproximação com as crianças.

Após esta conversa inicial, fiz um levantamento de exposições de arte que aconteciam e tinham previsão de acontecer na cidade. Procurei mapear exposições nos principais espaços de arte de Porto Alegre, e principalmente, naqueles em que houvesse setor educativo e mediação. Em um primeiro momento, ficaram agendadas duas visitas às exposições que aconteciam na cidade. A primeira em um espaço cultural privado da cidade, com a mostra Italian Genius Now<sup>6</sup> de Designers Italianos e a exposição do artista Rafael Pagatini<sup>7</sup>; e a segunda visita ficou agendada para uma entidade cultural pública com as exposições das artistas Ione Saldanha<sup>8</sup> e Tomie Ohtaki<sup>9</sup>. Em um

---

<sup>6</sup> Mostra de Designer Italiano

<sup>7</sup> Exposição *Em Suspensão*. Artista revelação do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas de 2011, o caxiense de 27 anos, radicado em Porto Alegre cita o romance *A Misteriosa Chama da Rainha Loana*, de Umberto Eco, em que o protagonista perde as lembranças pessoais. Em busca de quem realmente é, realiza uma viagem para a casa de campo da família. Foi também em viagens – de ônibus – que Pagatini registrou as fotografias transpostas para telas em outra série da mostra, na qual as imagens aparecem por meio de pontilhados perfurados. Completam a exposição fotografias sobre backlight e um vídeo.

<sup>8</sup> Nascida no município de Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 1919, Ione ainda criança viu a família envolvida no movimento de 1923, que marcou a história do estado pelo conflito entre chimangos e maragatos. Devido às ligações políticas, o pai da artista integrou o governo de Getúlio Vargas em 1930, o que determinou a ida de Ione para o Rio de Janeiro – cidade onde residiu até seu falecimento, em 2001. [A exposição que o grupo de pesquisa visitou foi O tempo e a cor](#) que traz uma merecida

segundo momento, entramos em contato com um museu público do Estado sediado em Porto Alegre, que estaria organizando uma exposição chamada Economia da Montagem: Monumentos, Galerias, Objetos, com seu acervo e obras de artistas contemporâneos criando uma espécie de diálogo entre as obras, que foi agendada também.

Seguindo esta trajetória da pesquisa, compreendemos, eu e a escola, que seria importante que pudéssemos antecipar às crianças informações referentes às exposições. Antecipar as minhas impressões sobre as exposições, falar o que vamos encontrar naquele lugar, desconhecido pela maioria do grupo, referir o nome do artista em questão, as obras que me chamaram a atenção. Todo isso foi importante e influente na aproximação das crianças com as visitas. Essa proposta ficou ainda mais interessante, pois a Diretora da escola, que nos acompanhou nas exposições, também visitou todos os espaços culturais antes das visitas com as crianças. Acredito que para as crianças todo esse envolvimento anterior com as exposições, contadas por nós, pesquisadora e diretora, contribuiu para um envolvimento maior delas nos espaços de arte.

Os encontros com as crianças nos espaços de arte tornou possível de alguma forma que eu pudesse delimitar alguns pontos para a análise desta dissertação.

### *A relação da criança com a obra de arte,*

#### *com os mediadores e*

---

retrospectiva da artista que, situando-se no limiar entre o moderno e o contemporâneo, encontrou sobretudo na cor o lirismo de sua expressão artística. Tendo este caráter panorâmico sobre a produção de Ione Saldanha, a exposição apresenta desde suas figuras e fachadas dos anos 1940 e 1950 até o amadurecimento do uso da cor em sua obra, passando pelas aproximações construtivas que inspiraram seu trabalho.

<sup>9</sup> É uma [pintora japonesa naturalizada brasileira](#). Aos vinte e um anos de idade emigrou para o Brasil, iniciando sua carreira aos quarenta anos. É uma das principais representantes do [abstracionismo](#) informal. Sua obra abrange [pinturas](#), [gravuras](#) e [esculturas](#), muitas delas expostas em locais públicos, principalmente na cidade de [São Paulo](#). Entre 1959 e 1962, ela levou essa proposta a um procedimento extremo, criando uma forma de ficar refém de sua própria percepção: vendou os olhos e executou a série *Pinturas Cegas*, exposição que o grupo de pesquisa desta dissertação visitou.

*com o próprio espaço de arte.*

Estes princípios de investigação somente se tornaram nítidos na escrita desta dissertação, a partir dos encontros com as crianças dentro dos espaços das exposições de arte.

Algumas ideias sobre o espaço...

*Isabela: Eu fiquei com vontade de entrar, mas segurei a vontade.*

*Eu: Só essa obra que da vontade?*

*Isabela: Não, todas!*

*Eu: O museu ia se mais legal se a gente pudesse tocar nas obras?*

*Isabela: Sim, porque eu ia poder saber se ta seco ou molhado. Só vendo não dá pra saber.*

*Maria: Eu acho que o museu é legal não podendo tocar nas obras.*



Algumas reflexões sobre os mediadores...

*- Eu: O que tu aprendeu sobre as coisas que o mediador falou?*

*Ryan: Nada! Eu já sabia tudo. Não precisa ter alguém explicando.*

*Eu: Tu também acha Bela?*

*- Não, elas não precisam!*

*João: Fica chato alguém explicando.*

Uma das leituras sobre as obras...

*Mediadora: Que cores tem essa estrada?*

*Crianças: Branca e preta.*

*Não. Branca e Laranja.*

*Mediadora: Laranja? Tu tá enxergando laranja?*

*Guilherme aponta para o piso do espaço que tem a cor laranja e que está refletindo na obra.*

*Mediadora: Ah, por causa do reflexo. Muito bem!*

Nesses recortes, que são somente alguns episódios sobre o que as crianças expressaram durante as visitas nos espaços expositivos (e é importante destacar que também houve reflexões e dimensões antagônicas apresentadas por elas), podemos dialogar com elas e testemunhar seu protagonismo diante do encontro delas com a arte. A *abertura da porta do gigante* feita por elas nos traz uma forma diferente de olhar para a arte e estes espaços, assim como nos dá a possibilidade de agregar outras formas de pensar a educação delas nesses encontros.

Além desses aspectos de análise, que estão relacionados propriamente às visitas às exposições, também organizei encontros posteriores às visitas para que pudesse conversar com as crianças. Nestes, procurava oferecer uma proposta para que as crianças pudessem pensar sobre a experiência dos encontros nos espaços expositivos de outro modo, compartilhando impressões, discutindo no grupo, avaliando aspectos reais, imaginários, o que gostaram e o que não gostaram. A ideia inicial não tinha a pretensão de análise das representações das crianças nesses registros, e sim uma forma de construção e/ou sugestão para um diálogo entre pares e pesquisador. No entanto, este instrumento de pesquisa possibilitou ampliar esse universo de investigação com crianças, pautado na ideia de que os desenhos são *produções simbólicas que nos dão a dimensão de “um ato social onde se exprimem modos específicos de interpretação de mundo”* das crianças (SARMENTO, 2007, p. 35).

Esta pesquisa está pautada no conceito de criança como ator social suas experiências em exposições de arte. Uma criança que acreditamos que seja capaz, ativa socialmente, que

Pensa

*Clara: É o mundo que gira, em uma metade é dia e a outra metade é noite!*

*Clara: E também se chover de dia aparece um arco-íris!*

*Ryan: Eu vi um filme que dois cara olho bastante pro sol e daí queimo os olhos, porque o sol é um fogo!*

Se expressa...

*As crianças, além de falarem sobre o que estavam vendo, interagem com a obra fazendo poses e movimentos que refletiam.*

*Matheus e a Duda dançam na frente da obra. As professoras e mediadoras tentam chamar as crianças para se afastarem e observarem sobre outro ângulo a obra.*

Produz, inventa...

*- Onde está o Rafael? Algumas crianças perguntam.*

*- Onde está o Rafael? Retorna a monitora.*

*- Ele tá escondido!!, diz Ryan*

*- Vocês fazem desenhos lá na escola de vocês?*

*- SIMMM!*

*- E os desenhos agora estão lá né, pra outras pessoas verem, mas vocês não. Assim é o artista. Ele faz a obra pras pessoas verem e nem sempre ele está onde as obras estão.*

*- Então, ele está escondido lá na casa dele!, diz Bela fazendo relação com o que o colega havia falado.*

Constrói e discute hipóteses...

*- Ela tá chorando.*

*- Ficou fraquinha.*

*- Ela vai ficar doente sem sapato.*

*- Ela não tem sapato porque é muito pobre.*

Não mais uma criança compreendida naquele que menos sabe, não tem maturidade, ou menos força (Sarmiento, 2007). *Estamos atrás de nascimentos, novos inícios, para o pensamento, para o pensado e o não pensado* (KOHAN, 2007, p. 41). Dessa forma propomos então trazer a criança como participante desta pesquisa e não mais como objeto. Por muito tempo as estudamos, as



definimos, as classificamos... Por muito tempo buscamos na arte olhares nos mais conceituados, montamos propostas baseadas em diversos estudos e conceitos artísticos...

*Mas as crianças nos mostram outras possibilidades de estar neste espaço!*

*As obras de arte, as mediações e as estruturas desses espaços de exposição podem ser diferentes na perspectiva da criança.*

#### ***4.2. Aaaaandaaaa! Aproximações com as crianças***

O grupo da pesquisa é composto por 14 crianças com idade de 3 a 4 anos. Muitas delas frequentam a escola desde o berçário e a maioria permanecerá na escola até o Jardim B, onde completaram o período da Educação infantil. Na turma havia 6 meninas e 8 meninos. A escolha deste grupo de crianças não foi influenciada pelo conhecimento ou experiências que as crianças tinham sobre arte ou museus e espaços culturais, mas sim como elas viveriam as experiências de visitas a espaços expositivos no presente. Por esse motivo, não lançamos aqui nenhum outro dado referente a escola e às crianças vinculado aos seus conhecimentos em arte e exposições.

##### *Primeiro encontro com o grupo de crianças*

Todos me esperavam na roda, pois antes que eu subisse a professora da turma se reuniu com as crianças para falar de mim. Chegando na sala fui apresentada e me apresentei. Na roda falei sobre a proposta, por que estava fazendo, onde estudava, e como seria. Perguntei às crianças se elas sabiam o que eram exposições de arte. Depois de um silêncio curto, a aluna Isabela respondeu: *é de pintura de artista, desenho...* Em seguida perguntei se eles sabiam quais os lugares que ficavam as obras dos artistas, então o silêncio foi maior. Esta reação das crianças demonstra que suas experiências com a arte é bastante inicial, e seus contatos com espaços de arte é praticamente inexistente. No entanto, expliquei que a proposta era, então, ir aos lugares

onde têm exposições de obras de arte, que seriam alguns museus e espaços culturais da cidade. As crianças ficaram felizes com a ideia, mas pouco falaram, ou questionaram sobre o que lhes foi proposto. Mesmo sem questionar em um primeiro momento, sem demonstrar algum conhecimento mais elaborado com relação à arte, as crianças demonstraram, já na primeira visita a uma exposição de arte, e que era a primeira experiência para a maioria das crianças, um envolvimento diferenciado com as obras, o espaço e os mediadores. Foi significativo e trouxeram leituras das obras de arte relacionando seus conhecimentos científicos de mundo, seus sentimentos, hipóteses e criações imaginárias.

Antes de me despedir, ensinei-lhes uma música para que pudessemos ir nos conhecendo melhor. *Todos vão no casamento do Pavão!* E assim me despedi.

*No segundo encontro,*

me apresentei na secretaria da escola e logo fui encaminhada para a sala de aula do Jardim A. Assim que entrei na sala, algumas crianças vieram ao meu encontro chamando meu nome – *Amaaandaaa!* A professora estava organizando a “roda” com as crianças e por isso logo fui convidada por uma delas para participar deste momento também. Como havíamos combinado, estes momentos de entrada de campo seriam para estar e brincar com as crianças. Foi desta forma que participei... Ouvindo os combinados da professora junto às crianças; presenciando a organização da rotina na escola; vivendo junto com elas as experiências daquele espaço e daquele grupo.

No final da “roda”, algumas crianças começaram a cantar o refrão da música que eu havia ensinado no primeiro encontro – “Todos vão no casamento do Pavão”. Assim encerramos a conversa. Cantamos a música e fomos para o pátio.

No pátio a professora propôs a brincadeira do “caçador” em que a maioria da turma participou da brincadeira e eu também. O restante foi brincar na casinha, na caixa de areia e no balanço. Enquanto a professora e outra criança eram os caçadores, eu corria com as outras crianças. Foi bastante

divertido e importante para meu contato e formação de vínculo com as crianças. Dentro desta perspectiva das pesquisas com crianças, considera-se importante a superação de poder existente entre adultos e crianças. Nesse sentido, afirma-se, dentro desta nova vertente teórico-metodológica, *um envolvimento muito maior com os sujeitos de pesquisa, pois o contato direto permite construir uma atmosfera muito positiva, lúdica e humana no desenvolvimento das pesquisas com crianças.* (MARTINS FILHO, 2011, p. 94)

Num segundo momento, me dirigi à brincadeira de casinha de outros alunos, já que queria ter contato com a maioria das crianças e as que brincavam de casinha não participavam da brincadeira de caçador. Perguntei, então, se poderia brincar com elas. Imediatamente me disseram que sim e pediram que eu fosse a mãe na brincadeira delas. Perguntei: *Quem vai ser o pai?* Ryan, logo se pronunciou: *EU!* E logo, outros já autodesignaram seus papéis na brincadeira. Tinha filho, irmã mais velha, irmã mais nova, cavalo e tio. Algumas crianças que brincavam de caçador, logo vieram brincar conosco e outras ainda observavam à distância nossa brincadeira.

*- Vou fazer comida para a filha!*

*- Eu vou fazer o suco, enchendo uma garrafa plástica de areia, enquanto o cavalo relinchava a sua volta.*

*- Vou dar comida para ela, tá mãe, disse a Irmã mais velha.*

*- Eu vou comprar a comida do cavalo, tchau.*

*E assim a brincadeira fluiu...*

Este talvez tenha sido o momento mais importante para minha aproximação com o grupo de crianças, principalmente para a criação de um canal de comunicação entre adulto e criança, assim, potencializa-se a autonomia e a participação das crianças na pesquisa. (MARTINS FILHO, 2011).

*Em nosso terceiro encontro,*

as crianças já demonstravam estar bem à vontade com minha presença. Neste dia participei dos momentos de roda com elas e as professoras. Primeiramente na roda com a professora regente, que organizou a rotina, o calendário e fez algumas combinações com as crianças. No segundo momento, com a professora de inglês. Participei da aula como se fosse uma das crianças, conversamos e fizemos juntos a proposta da professora.

A partir desses primeiros encontros, avaliamos como escola, eu, a professora regente e a diretora, que já havia entre mim e as crianças uma aproximação significativa e interesses compartilhados. As crianças me recebiam sempre com entusiasmo e já estavam curiosas quanto aos passeios aos museus que havia proposto para elas no primeiro dia de nosso encontro.

### *4.3. Os Instrumentos*

Reconhecer a participação das crianças e tomar esta ação delas como dados de uma pesquisa é difícil no modo como aprendemos a fazer pesquisa, que tem o contexto adulto como dominante, e que considera as crianças como incompletas e em desenvolvimento. Nesse sentido, Carvalho e Müller enfatizam que “o exercício da escuta convida a cada pesquisador a agir de modo ético no campo de sua atuação, ou seja, aprendendo a acolher a singularidade e a diferença da criança como sujeito protagonista de suas ações.” (2010, p.75). Não tratar somente das vozes, mas sim, das impressões delas, nos remete à importância e à relevância de todas as ações das crianças e a forma como elas se comunicam, como por exemplo, em suas brincadeiras, nas suas reações, nos seus olhares... Para Sarmiento (2011), “ouvir a voz das crianças [...] condensa todo um programa, simultaneamente teórico, epistemológico e político” (2011, p. 27).

Sobre as assertivas do autor, mesmo que longamente, acredito ser importante trazê-la para esta proposta:

[...] estudar as crianças como actores sociais de pleno direito, a partir do seu próprio campo, e analisar a infância como categoria

social do tipo geracional é o objectivo a que se tem proposto a sociologia da infância, para quem “ouvir a voz da criança” se constitui mesmo como uma directriz vertebrada na compreensão de factos e dinâmicas sociais em que as crianças contam [...]. O *programa epistemológico* manifesta-se na idéia, cara à abordagem socioantropológica da infância, de que entre o mundo adulto e as crianças existe uma diferença que não é apenas de nível de registo ou maturidade comunicativa[...] O *programa político* exprime na constatação de que as crianças permanecem excessivamente afastadas dos núcleos centrais de decisão sobre aspectos que dizem respeito às condições colectivas de existência e que esse afastamento, sendo a expressão de dominação adulta, é um modo de hegemonia e de controle, cujo resgate não encontra outra possibilidade senão precisamente por tornar presente a voz das crianças na participação social e na decisão política [...]. (SARMENTO, 2011, p. 27-28).

Assim, a partir desta longa citação e para evidenciar as fundamentações acima apresentadas, entendo que a pesquisa não possa se limitar a somente ouvir as crianças – como o sentido literal delimita, mas também a estar atenta a toda sua reação diante das obras e das intervenções dos mediadores desse espaço cultural. Em meio à escuta, colocamos à prova também o papel do pesquisador adulto que se propõe a “falar pelas crianças”. E para que possamos superar a sobreposição do mundo adulto nesta nova proposta, é necessário requerer *outros (re)posicionamentos por parte do pesquisador, tendo em vista que há uma imensa distancia entre o que supomos saber sobre o que as crianças e o que elas pensam, dizem e expressam sobre suas relações com o mundo (...)* (CUNHA, 2013, p. 14). A autora (idem) ainda alerta sobre o aspecto da hierarquização entre pesquisador-adulto e criança que, para tornarmos efetiva a participação delas em nossas pesquisas, além de buscarmos uma metodologia possível de se fazer com elas, necessitamos pensar em novas formas de narrar sobre os acontecimentos.

As crianças mostraram nesses nossos encontros, diferentes manifestações referentes às obras de arte, à interação com os mediadores e ao posicionamento delas com os espaços culturais visitados. Hammersley e Atkinson (1983, *apud* CARVALHO E MÜLLER, 2010, p. 73), afirmam que toda pesquisa social é uma observação participante, “já que é impossível estudar o mundo social sem que sejamos parte dele [...]”. A observação participante nos auxilia também a pensarmos nos princípios desta metodologia que exige que o

pesquisador esteja presente e vivendo as experiências e eventos que surgirão durante as visitas junto com as crianças. No entanto, sugiro que o termo observação participante fique subentendido, e que chamássemos esta ferramenta metodológica de... *encontros com as crianças*.

Neste estudo, me debruçarei sobre a reação das crianças nesses espaços de exposição, primeiro olhando o seu todo, depois indo às minúcias, esquadrinhando as conversas, os movimentos, os olhares, os entrefios. Por esse modo, é necessário tornar a distância entre pesquisador e pesquisado ainda menor, já que tratamos de adulto e crianças, tornando possível a compreensão do outro “a partir das suas representações e não a partir dos modos de pensar da cultura do pesquisador.” (ibdem). Sendo assim, a perspectiva teórico-metodológica precisa superar a disparidade nas relações de poder entre adultos e crianças.

Entre as inúmeras possibilidades de instrumentos metodológicos a serem utilizados, senti a necessidade de utilizar simultaneamente alguns recursos como, por exemplo, o diário de campo, a fotografia e o vídeo. Estes instrumentos me ajudaram, não somente a poder analisar a mesma circunstância dentre diferentes focos, mas também, poder obter maior compreensão daquilo que minha pesquisa quer estudar, entendendo como as crianças participam, entendem, vivenciam e expressam suas impressões nas visitas em diferentes espaços expositivos.

#### *O diário de campo, a fotografia e o vídeo*

contribuíram para maior compreensão dos diferentes jeitos de ser criança, da mesma forma que são instrumentos possíveis de serem retomados. Este é um aspecto determinante quando tratamos de um tema de pesquisa complexo, como é o caso das impressões das crianças sobre visitas às exposições de arte.

Foi na visita ao primeiro espaço expositivo que percebi o quanto seria difícil trazer para o texto o que e o como as crianças estavam vivenciando aquela experiência. Parecia que eu estava dentro de um furacão de vozes, imagens, pessoas, espaço que atravessavam meu corpo como se fosse o

vento circulando e bagunçando tudo. Infelizmente é difícil transcrever, principalmente, a sensação que me tomou naquele momento. Como pesquisadora, por um instante, também um pensamento de preocupação surgiu... Como poderei tornar este encontro com as crianças visível àqueles que compartilharão a leitura desta pesquisa? Em meio a este pensamento preocupante, busquei, imediatamente, nos recursos que já havia selecionado anteriormente, agir para que pudesse alcançar e me aproximar do que de fato acontecia. Com o auxílio de uma terceira pessoa, tirávamos fotos, e eu, em alguns momentos, filmava, em outros, escrevia em meu diário.

- No diário de campo, fui registrando situações concretas das vivências com as crianças e também imprimindo algumas das minhas imediatas impressões sobre os fatos e conversas. Muitos desses registros se deram depois dos encontros com as crianças, pois eram diálogos e impressões de situações que aconteciam no caminho para o espaço expositivo, nas chegadas ou nas despedidas com as crianças. Outra situação bastante importante quanto aos registros do diário de campo se deu no período inicial com as crianças, na entrada de campo. Acredito que esses encontros iniciais necessitariam de certa “informalidade” para que a aproximação com as crianças acontecesse e, portanto, superasse um distanciamento que pudesse ocorrer no âmbito da proposta de uma pesquisa com crianças. Por isso a escolha de não usar, por exemplo, o gravador e a filmadora nesses encontros iniciais. Imediatamente depois de estar com as crianças, fazia então o registro deles em meu diário.
- A fotografia, por sua vez, além de compor parte do texto reconstruindo o *próprio olhar do investigador, apresentando-se como outras possibilidades de escrita – outros textos – da realidade estudada* (MARTINS FILHO, 2011, p. 98), auxiliou-me na composição do todo das experiências das crianças. Daquilo que falava anteriormente, sobre o turbilhão de vozes, corpos, contenção de corpos, olhares focados e dispersos. Retomar as

fotografias foi também ver pela primeira vez o que, naquele momento, inserida na experiência junto com as crianças, escapou-me ao olhar.

- Os vídeos foram as ferramenta que me auxiliaram na apreensão deste todo complexo a que me referi com relação à dinâmica dos encontros nos espaços expositivos. *O registro em vídeo vem contribuindo marcadamente na captação dos diferentes jeitos de ser criança em suas peculiaridades* (idem, p. 99). Retomar as filmagens feitas foi extremamente importante na percepção da interação, do pensamento, da postura, da atenção, da fala das crianças e da simultaneidade dessas expressões.
- Inicialmente o desenho das crianças foi proposto para contextualizar uma conversa posterior às visitas às exposições, no entanto a produção das crianças trouxe alguns elementos importantes na significação e composição de uma representação simbólica do pensamento infantil a partir das experiências propostas.

Gostaria de evocar, neste pensamento a respeito da metodologia proposta, que a busca de outra “postura metodológica” do pesquisador, principalmente com respeito às ações das crianças, além de requerer uma metodologia de pesquisa diferenciada, com discussão de novos, variados e combinados instrumentos, necessita também de uma outra forma de sistematização desses dados, para que realmente possamos *rentabilizar* a participação das crianças nesta nova proposta de investigação. Esta também foi e é uma preocupação desta pesquisa já que nos propomos a pensar a arte de outro modo. Pensar a arte, a mediação, os espaços culturais a partir daquilo que as crianças referenciaram nestas vivências e experiências. Assumir então uma outra postura metodológica, não somente na organização de objetivos, roteiro, integração com as crianças, recursos e análise, mas também poder pensar como organizar a participação delas em um texto que é produzido por um adulto pesquisador. Sobre este comprometimento com relação à escrita, Larrosa (2002, p. 21) nos ajuda a pensar no quanto isso poderá ser difícil.



Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

Talvez o pensamento do autor inicialmente nos soe até como contraditório ao que a Sociologia da infância vem referindo na proposta de pesquisa com crianças. De uma postura ética do investigador em tornar eminentes as vivências, experiências e pensamentos das crianças, assumindo também uma postura menos superior e desconstruindo o papel de inferioridade e subalternização das crianças na sua participação social. No entanto, quando falo na busca de uma nova *postura metodológica*, quero me referir a toda uma complexidade de uma forma, que talvez ainda não exista, de fazer pesquisa com crianças, e que se propor a isto requer um outro olhar com relação aos temas de pesquisas propostos, aos encontros com as crianças, aos objetivos de pesquisa, aos instrumentos metodológicos e à sistematização de todo este conjunto de experiências. E para que possamos nos aproximar deste objetivo, já que sabemos que a escolha *Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece*, esta proposta de metodologia e esta postura metodológica precisam, antes mesmo de vivermos experiências com as crianças, estar e ser concebidas por nós, pesquisadores.

Tratar as crianças como protagonistas de um espaço expositivo, neste projeto de pesquisa, me faz entender o *protagonismo* como um avanço ao que até então se tem silenciado ou ignorado na pesquisa com crianças pequenas e este é, certamente, o meu, o nosso [crianças] maior desafio.

## 5. *Aproximação das crianças com os espaços expositivos, as obras de arte e os mediadores*

Para a abertura desta porta, foi preciso estar com as crianças. Encontrá-las na escola, nos espaços de arte e novamente na escola. Poder, a partir dessa abertura, estar atenta ao todo de uma experiência que me propus a fazer e agora entrar... Entrar e perceber o que elas nos dizem, como reagem, o que preferem, o que pensam, como interagem.

Estávamos no caminho de volta para a escola, nas ruas do centro de Porto Alegre, quando Maria Eduarda e Clara, conversando comigo sobre nossa primeira visita a um espaço expositivo, expressaram seus pontos de vista em relação ao que tinham vivido.

*Maria Eduarda:*

*Foi bem legal nosso passeio né Amanda!*

*Clara:*

*Foi muito mais legal do que vocês duas estão pensando!*

Foi neste primeiro encontro das crianças com um espaço de arte privado da cidade que compartilhei com elas uma experiência com a arte, que acontecia pela primeira vez para muitas delas, e que certamente me fizeram acreditar no propósito desta pesquisa.

*Como as crianças participam, entendem, vivenciam e expressam suas impressões nas visitas em diferentes espaços expositivos?*

Foi por esta “porta” interrogatória e por conceber as crianças como sujeitos ativos dentro da sociedade e produtores de cultura, considerar seu direito de participação que as convidamos a falar sobre arte... Através de O Gigante da Arte! (...) *inverter a direção do olhar: a infância não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela* (LARROSA, 2004, p. 16) que chego a este capítulo de análises.

Através de uma trajetória de encontros com as crianças nos espaços expositivos e na escola, apontamentos, questões e saberes levantados por elas é que neste processo de escrita passo a refletir.

### *Crianças*

#### *Espaço expositivo*

#### *Obra de arte*

#### *Mediação*

Nestas reflexões, retomo novamente algumas das narrativas das crianças trazidas logo no início do texto. Agora, podendo pensar, a partir delas, como suas experiências de encontro com a arte se deram. Para isto coloco em movimento os estudos referentes à Sociologia da Infância e o conceito de criança de Larrosa, juntamente com a forma como as crianças se expressaram, pensaram, interagiram e vivenciaram os espaços, as obras e os mediadores.

É importante salientar que esta pesquisa não pretende alçar a criança a uma superioridade referente à arte, mas discutir estas formas de interagir e expressar a arte, para que possamos entendê-las a partir de uma forma singular de viver estas experiências e, deste modo, pensar juntos novas propostas para estas experiências.

## *5.1 O meu museu vai ser de outra cor! Crianças e espaço expositivo*

Assim falava Ryan enquanto coloria o seu museu no material que havia trazido depois da nossa última visita a um espaço público de arte de Porto Alegre. Depois de colorir o seu “museu”, ainda desenhou o grupo de crianças,

o guarda na porta (figura humana maior), o mediador (figura humana menor que está na porta) e ele logo acima do mediador.

Ryan nos mostra aqui dois elementos que trago para refletir: o primeiro, *O meu museu vai ser de outra cor!* E o segundo: o desenho que fez do grupo.

Quando pensamos em crianças em espaços expositivos, geralmente



pensamos nas inúmeras aproximações que este encontro pode ocasionar, assim como, nas diversas convenções, normas, regras que estes espaços criam e preservam, principalmente em favor da conservação das obras de arte em detrimento das possíveis interações dos visitantes, sejam eles crianças ou adultos. Para este grupo de crianças, pude acompanhar o quanto estas convenções talvez se sobrepujassem a vontade das crianças de interação nesses espaços.

Propondo uma reflexão sobre este prisma, pode-se perceber nas situações abaixo, a forma como as crianças se expressaram a partir das regras dos espaços expositivos. Voltamos a alguns episódios que aconteceram durante as três visitas que fizemos...

### Porta 1

No caminho para o segundo piso, onde estava a exposição do artista, algumas crianças gritaram. A professora da turma reuniu então as crianças para conversar:

*Não pode gritar neste espaço, tá legal!*

*Eu entendi que aqui é muito grandão e dá muita vontade de gritar, mas vamos segurar a vontade e guardar ela dentro a gente.*

Isabela se aproxima dela e diz:

*Eu queria gritar, mas eu tô segurando.*

E a professora ainda aproveita e sinaliza:

*Aqui também não pode colocar as mãos, tá bom! Então vamos continuar ali com as mediadoras.*

## Porta 2

*As crianças, além de falarem sobre o que estavam vendo, interagiram com a obra fazendo poses e movimentos que refletiam.*

*Matheus e a Duda dançavam na frente da obra. As professoras e mediadoras tentavam chamar as crianças para se afastarem e observarem sobre outro ângulo a obra.*

*Professora: Que segredo tem esse espelho? Acho que é a Bruxa?*

*Mediadora: Será?*

## Porta 3

*Vamos sentar aqui perto da obra. Olha só o que eu vou fazer? Mediadora passa a mão por trás da obra.*

*Duda se levanta e olha a professora, pois pretendia fazer o mesmo gesto da mediadora, mas para e espera.*

*- Agora eu vou contar um segredo pra vocês. Estão vendo aqueles fios lá em cima?*

*Duda agora se aproxima da obra, mas a mediadora a segura. Ela resiste e insiste em se aproximar. Com ela mais crianças se levantam para ver como a obra “funciona” pendurada nos fios. Querem ir do outro lado da obra. Todas as professoras e mediadoras se movimentam para conter as crianças.*

*- Lembram o que a gente combinou? Estão vendo que as tiras já estão mexendo? Pois é, se todo mundo vir aqui e passar a mão... quando vê a gente se perde e bate a mão. Mediadora*

#### Porta 4

*Matheus B.: Tem escada!*

*Emiliano: É, mas a gente não vai subir aí, porque não pode!*

#### Porta 5

*Isabela: Fiquei com vontade de entrar, mas segurei a vontade.*

*Eu: Só essa obra que dá vontade?*

*Isabela: Não, todas!*

*Eu: O museu ia sê mais legal se a gente pudesse tocar nas obras? (eu)*

*Isabela: Sim, porque eu ia poder saber se tá seco ou molhado. Só vendo não dá pra saber.*

*Maria: Eu acho que o museu é legal não podendo tocar nas obras!*

Observo que existe um certo distanciamento entre a proposta dos espaços expositivos com a forma de interação das crianças e o desejo exploratório em relação ao espaço, como correr e gritar. Isso ficou mais evidente principalmente nos primeiros encontros que fizemos, mesmo a vontade de tocar nas obras, estando presente em todas as visitas. Nos espaços I e II, a vontade de experimentar com o corpo estes lugares era maior... No entanto, percebi que, na última visita, a maioria das crianças estava mais interessada na proposta da exposição e os seus comportamentos pareciam mais adequados às convenções do lugar. Elas mesmas já sinalizavam umas às outras, como Emiliano faz ao lembrar Matheus das regras da exposição:

*Matheus B. logo ao ver a obra de arte diz: Tem escada!*

*Mas Emiliano logo o alerta: É, mas a gente não vai subir aí, porque não pode!*

As crianças nos sinalizaram sobre como estes espaços não foram e não são pensados em relação às suas demandas. E que conhecer algo equivale a

tocar, experimentar, criar hipóteses, inventar, brincar. Seus modos de interação e conhecimento se dão através de ações, de pensamentos e sentimentos.

O pensamento de Loris Malaguzzi, um dos idealizadores da abordagem Reggio Emília, expressa esta concepção de criança, acreditando que é, a partir de um jeito próprio, que elas possuem recursos e habilidades mais ricas do que geralmente percebemos. Através do poema “Ao contrário, as cem existem”, Malaguzzi propõe esta reflexão:



*“A criança é feita de cem [...]*  
*A criança tem cem linguagens*  
*(e depois cem cem cem)*  
*mas roubam-lhe noventa e nove.*  
*A escola e a cultura*  
*lhe separam a cabeça do corpo [...]*  
*Dizem-lhe enfim:*  
*Que o cem não existe.*  
*A criança diz:*  
*Ao contrário o cem existe”*

Malaguzzi, através desta linguagem poética, trata de modo simbólico a forma como as crianças são no mundo e suas formas de interagir com ele. No entanto, os espaços culturais que visitamos não configuram esta perspectiva com relação às crianças. Assim como o ensino escolar, estes espaços propõem uma interação com objetos de conhecimento ou objetos artísticos, através de um viés expositivo, no qual “ensinamos” às crianças algo que elas

ainda não sabem, as mostramos para que elas possam ver (apenas), e as condicionamos sobre um ponto de vista de um comportamento ideal.

Estaria Ryan, ao dizer que seu museu ia ser de outra cor expressando sua vontade de poder tornar o museu para as crianças de outro jeito? Estaria querendo dizer sobre o distanciamento que existe entre as crianças e as convenções desses espaços expositivos? As formas como as crianças se expressam sobre algo, neste caso, sobre os espaços expositivos, nem sempre são diretas. É necessário que interpretemos suas múltiplas formas de expressar sentimentos, pensamentos e ações sobre o que vivenciaram.

Outro aspecto que surgiu desses encontros com as crianças está em questionar se o querer tocar nas obras se restringe somente às crianças? Para Maria, de 4 anos, o museu é um lugar legal, mesmo não podendo tocar nas obras.

O que nos é colocado por Maria nos dá a compreensão sobre a experiência de se estar em um espaço expositivo, que torna única a relação com a arte. A experiência de um corpo vivido pelo olhar e um novo modo de encontros estéticos podem, ainda que para as crianças não seja o único modo, tornar este encontro desafiador e singular para estar com a arte. Barbosa (2010), ao se referir aos museus, diz que estes são tão essenciais para o conhecimento de arte, como um laboratório de química o é para a aprendizagem em química. Talvez seja por isso que Clara, 3 anos, questionou o que Maria e eu havíamos comentado do “passeio”:

*- Foi muito mais legal do que vocês duas estão pensando!*

Os museus e centros culturais são lugares de múltiplas trocas, sensações e aprendizagens. Nesse sentido é necessário que se leve em consideração também que

Se pequenos deslocamentos [...] podem gerar novas percepções dos outros, de nós mesmos e do mundo que habitamos, imagine o que é viajar para um lugar especialmente preparado para visitas a territórios desconhecidos ou pouco conhecidos, descobrindo novas paisagens e objetos, novos modos de habitar nosso planeta. É assim quando entramos num museu... (MARTINS, 2008, p.8)



Quando questiono um grupo de crianças depois da visita ao espaço III, diferente de Maria, Isabela pontua:

Eu:

*O museu ia sé mais legal se a gente pudesse tocar nas obras?*

Isabela:

*Sim, porque eu ia poder saber se tá seco ou molhado (as obras). Só vendo não dá pra saber.*

Coutinho (2007, p. 55) afirma que o “cenário [espaço do museu contemporâneo] enquadra a interação porque dá lugar a opções interpretativas singulares, por parte dos encenadores e atores do acontecido, influenciando e dinamizando o encontro”. Entretanto, nessa pesquisa, as crianças nos alertam, a partir do que os adultos lhes trazem, que no museu não se pode correr e tocar nas coisas, que as instituições exigem uma postura contida, de atenção, de conhecimento de informações.

Retomamos a um episódio da visita ao Espaço II, onde a mediadora que acompanhava o grupo falava sobre a importância do cuidado com as obras, usando como exemplo a da artista Ione Saldanha, o Paralelo, que são tiras suspensas no teto:



Mediadora:

*- Estão vendo que as tiras já estão mexendo? Pois é, se todo mundo vir aqui e passar a mão quando vé a gente se perde e bate a mão.*

*5.1.1. Algumas representações sobre os espaços.*

Outro aspecto que discuto sobre o desenho de Ryan são as figuras que ele representa nesse espaço. Na porta, antecipando a entrada das crianças na exposição, está a figura do guarda e do mediador. Em todos os nossos encontros, os mediadores nos esperavam à porta e conversavam com as crianças. Cada espaço cultural apresentou uma proposta diferente de interação inicial com as crianças, no entanto todas as crianças na entrada dos prédios.

Estas duas representações, a do mediador e a do guarda, compreendem as figuras humanas mais marcantes



neste espaço, certamente. O mediador por acompanhar as crianças, estando com elas a todo o momento da visita e conversando sobre a exposição. O guarda por vigiar e efetivar a regulamentação destes espaços, e dessa forma acaba sendo a figura que, por muitas vezes, inibe as crianças de agir de outro modo nos espaços de arte. Este foi um aspecto que não marcou somente Ryan, e sim a maioria do grupo de crianças.

Pedro, ao descrever seu desenho sobre o Espaço II, apontou ele e seu colega descendo as rampas do espaço de arte de skate e a figura do guarda os olhando. Observo, que, ao mesmo tempo em que Pedro elabora uma representação sobre a visita, ele cria a forma de como gostaria de usar à rampa do espaço, talvez fazendo associação com a utilização da rampa que ele vê os skatistas usando. Ou seja, ele atribui um outro significado a rampa da instituição realizando relações com suas experiências cotidianas. A figura do guarda é parte simbólica da construção que Pedro faz, a



partir da vivência neste lugar e que o marca, pois é aquele que controla os comportamentos e que faz as interdições. Nesta representação do espaço cultural, Pedro expressa, de um modo próprio, algumas das características dessa instituição que chamou sua atenção.



Ainda sobre o desenho de Pedro, questionei sobre os corações que fez:

*Porque eu fui com o coração!*

Esta representação poderá nos incitar a pensar sobre o envolvimento das crianças nestes espaços, nestas experiências. Mostram-nos também que, a partir do desenho, manifestam o significado destas ações e suas interpretações que não se revelam simples.

Para a compreensão das representações trazidas por Pedro, é importante que se conceba a capacidade das crianças em “falar” sobre as coisas, e principalmente querer ouvi-las.

(...) as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprio, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidarem com tudo que as rodeia. (SARMENTO, 2007 p. 26)

Mais do que apontar e conhecer as capacidades das crianças sobre suas formas de interpretar o mundo, esta pesquisa emerge do convite as

crianças para falar sobre a arte e mostrar como elas interagem com este campo.



## *5.2 O branco e o preto podem ser Laranja – Crianças e obras de arte*

Esta foi a proposição que Guilherme nos fez ao interagir com as obras da instalação Reflexões, do artista Rafael Pagatini.

*Mediadora:*

*Que cores tem essa estrada?*

*Crianças:*

*Branca e preta.*

*Guilherme:*

*Não. Branca e Laranja.*

*Mediadora:*

*Laranja? Tu tá enxergando laranja?*

*Guilherme aponta para o piso do espaço que tem a cor laranja.*

*Mediadora:*

*Ah, por causa do reflexo. Muito bem!*

Durante nossos encontros nos espaços expositivos, as crianças nos apontam para diferentes fatores sobre suas leituras referentes às obras de arte. Elas, além de falarem sobre as obras, têm um modo particular de “criar” uma interação com elas, relacionando corpo, sentidos, curiosidade, sentimentos, mundo real e imaginado. Não só veem as obras com os olhos e com o pensamento, mas com o corpo e com os sentimentos.

No início deste capítulo, pudemos ter um exemplo sobre o modo como as crianças interagem e relacionam seus pensamentos e impressões referentes às experiências dos encontros nos espaços expositivos.

Retomemos a alguns episódios para podermos pensar sobre a relação das crianças com as obras de arte.

Na instalação do artista Rafael Pagatini, Reflexões, as crianças além de falarem sobre o que estavam vendo, interagem com as obras fazendo poses e movimentos que refletiam a si próprios.

*Matheus e a Duda dançavam na frente da obra e as professoras e mediadoras tentavam chamar as crianças para se afastarem e observarem sobre outro ângulo as obras.*

*Professora:*

*Que segredo tem esse espelho? Acho que é a Bruxa?*

*Mediadora:*

*Será?*

A mediadora do Espaço II senta com as crianças para ver a obra, em Paralelo, da artista Ione Saldanha.

*Vamos sentar aqui perto da obra. Olha só o que eu vou fazer?*

*Mediadora passa a mão por trás da obra.*

*Duda se levanta e olha a professora, pois pretendia fazer o mesmo gesto da mediadora, mas para e espera.*

*Mediadora:*

*Agora eu vou contar um segredo pra vocês. Estão vendo aqueles fios lá em cima?*

*Duda agora se aproxima da obra, mas a mediadora a segura. Ela resiste e insiste em se aproximar. Com ela mais crianças se levantam para ver como a obra “funciona” pendurada nos fios. Querem ir do outro lado da obra. Todas as professoras e mediadoras se movimentam para conter as crianças.*

*Mediadora:*

*Lembram o que a gente combinou? Estão vendo que as tiras já estão mexendo? Pois é, se todo mundo vir aqui e passar a mão... quando vê a gente se perde e bate a mão.*

No Espaço II, na exposição Ione Saldanha, com a obra de têmpera sobre Bobina, a professora pergunta às crianças:

*Sabem qual é o nome dessa peça? Bobina.*

*Crianças:*

*Deixa eu ver.*

*Da pra ver o outro lado.*

*Um amontoado de crianças se forma ao redor da obra. Todas querendo espiar pelo buraco central.*

*Mediadora:*

*Oh sem tocar. Pessoal vem aqui que eu quero dizer uma coisa pra vocês. Deu?*

*Crianças:*

*- Deixa eu ver.*

*- Deixa eu ver.*

*As crianças seguem olhando a obra.*

*Aos poucos as crianças vão saindo e se dispersando na sala. Com a ajuda das professoras, elas voltam a ver os quadros.*

Estes episódios são apenas alguns recortes do modo como as crianças expressam suas diferentes maneiras de interagir com as obras de arte. O corpo está sempre presente. No entanto, elas precisam ser contidas, já que as obras não podem ser tocadas em favor de sua conservação. Nesse processo de visitas a museus e a espaços culturais, podemos discutir a ideia de criança ativa, produtora de cultura que alguns autores da Sociologia da Infância vêm teorizando e contrapor, problematizar e pensar sobre a forma como os museus e centros culturais propõem a forma de interagir com as obras.

As crianças não são seres pré-sociais, objectos de processos de indução social pelos adultos, mas seres sociais plenos, tal como quaisquer outros, em pleno processo de acção social, influenciando-a e sendo influenciada. Também nesta perspectiva tem vindo a desenvolver-se a forte convicção de que as crianças são produtoras de culturas próprias – as *culturas da infância*. (TREVISAN, 2007, p. 43)



Refletindo sobre as culturas da infância dentro do contexto da pesquisa, podemos entender que a forma como as crianças se relacionaram com as obras retrata um modo particular, mas não inferior, de participação nesses



contextos culturais. Mostram também a sua ação participativa “intensa”, que se impõe frente às “regras” do espaço cultural quando elas propõem outros modos de interagir com as produções artísticas para além do olhar. No entanto, as crianças também estão sendo influenciadas por tais valores, “regras” e convenções de proposta de apreciação de obras nestes espaços, pois, dentro da cultura da infância, elas recebem, transformam e recriam a cultura, as regras e as convenções. Notei que, na medida em

que as crianças foram fazendo as visitas às exposições, elas deixaram de insistir em tocar as obras e foram construindo outra forma de contato com estas.

É importante que os setores educativos destes espaços tenham conhecimentos referentes ao ensino de arte para as crianças. Sobretudo, que entendam como estas se relacionam com a arte, qual a importância disso em sua formação, quais experiências necessárias para a construção de novos saberes. Estes são fatores fundamentais para organizarmos uma proposta educativa de museu dirigida ao público infantil.

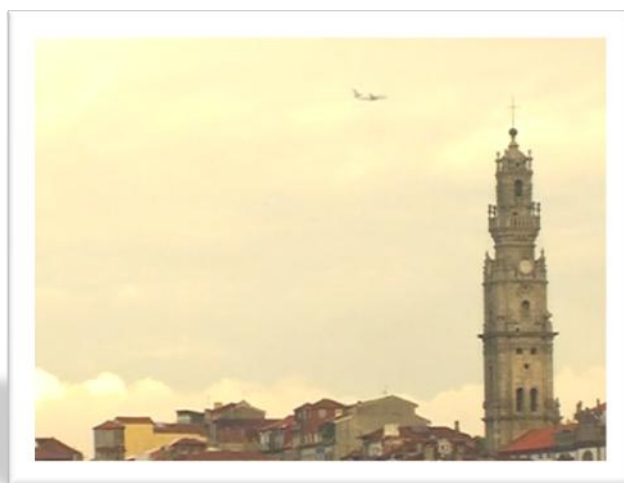
O que esta pesquisa propõe com relação às propostas educativas dos espaços culturais está vinculado às referências que as crianças trouxeram a partir de suas experiências com os espaços, com as obras e com os mediadores. Que possamos, parafraseando Larrosa (2004), *inverter a direção do olhar*: as crianças não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha, nos interpela e olha a arte.

Pensar a forma como vivem suas experiências estéticas tem papel fundamental nesta pesquisa como embasamento e suporte para a análise. Duarte Junior (1981, p. 102) traz uma consideração importante a respeito da especificidade das possibilidades educativas quando tratamos de arte e criança: “[...], para ela, a arte se constitui muito mais em uma atividade, num fazer, do que num objeto a ser fruído.” Nesse sentido, mesmo acreditando na



grande capacidade de reflexão das crianças frente aos objetos artísticos, a interação entre arte e criança se compõe de forma diferente da relação arte e adulto.

Na sequência, retomo uma longa explanação das crianças enquanto apreciam a vídeo-arte do artista Rafael Pagatini, no Espaço I, primeiro a ser visitado. Nesta narrativa, um grupo de crianças corre espontaneamente para a obra, então a mediadora convida todo o grupo para sentar e apreciar.



*Mediadora:*

*Essa linha aqui se chama horizonte!*

*Clara:*

*É o mundo que gira, em uma metade é dia e a outra metade é noite!*

*João:*

*Uma metade de nublado que chove e trovão!*

*Mediadora:*

*Mas pode chover de dia né, e de noite também.*

*João:*

*É pode cair relâmpago, raio, chover e ser claro.*

*Clara:*

*E também se chover de dia aparece um arco-íris!*

*Mediadora:*

*Isso né, se aparece o sol junto com a chuva?!*

*Ryan:*

*Eu vi um filme que dois cara olho bastante pro sol e daí queimo os olhos, porque o sol é um fogo!*



Mediadora:

*Isso, exatamente. Uma bola bem grande de fogo!*

Duda:

*O sol é quente né, Kátia!*

Crianças:

*Eu acho que um Dragão fez isso!*

*Dragão!!*

Mediadora:

*Um Dragão? Será que um dragão lá do início da nossa conversa que mora no sol?*

Crianças:

*Nãoo!*

João:

*Porque se não ele fica no fogo, uma bola de fogo queima o dragão!*

Isabela:

*Daí o sol derrete!*

*O dragão tá no castelo, eu acho!*

Mediadora:

*Então a gente vai ter que procurar mais esse dragão?*

Matheus:

*Mas o sol pode reter o Dragão!*

Mediadora:

*O sol pode deter o dragão?*

Pedro:

*Re-ter.*

Mediadora:

*Derreter o dragão!*

Guilherme:

*Não tem água no sol, é uma bola de fogo o s ol!*

Mediadora:

*Não tem né! E de que cor é o sol?*

*- Amarelo!*

Mediadora:

*E que cor tá mostrando as nuvens?*

Isabela:

*Amarelo!*

Clara:

*Branco!*

João:

*Não, tá ficando rosa e verde!*

*- Não, Rosa e amarelo!*

Clara:

*E um pouco vermelhinho.*

*(- não, não, Dizem algumas crianças contestando algumas cores vistas)*

Mediadora:

*Então são cores que dão frio ou que dão calor?*

*- Calor!*

Mediadora:

*Calor né!*

João:

*São muito quentes!*

Mediadora:

*São cores quentes!*

Nesta narrativa, as crianças trazem algumas relações que fazem com fatos científicos que conhecem como o mundo que gira, o sol que é uma bola de fogo, cores quentes, etc – e também fazem relação com um mundo imaginário, trazendo a figura do dragão. As produções culturais, televisões, filmes, publicidade, web, entre outras, participam ativamente da vida das crianças, “de seus imaginários, mobilizando-os, agrupando-os em tribos, criando práticas culturais, estilos e modos de ser” (CUNHA, 2013). Sarmiento (2009, p.10) acredita na “criança como sujeito social e histórico, com identidade diferenciada do adulto, delimitando formas próprias de significações de mundo”. A criança faz o que faz, ou seja, cria, inventa em meio “as suas relações com os adultos e nas relações com outras crianças, partilham reproduzem, interpretam e modificam códigos culturais que são actualizados nesse processo interactivo” (idem, 2011, p. 43). A partir desta concepção de criança, trazer as experiências delas no campo da arte é fator indispensável para a discussão de uma imagem de criança participativa e produtora de cultura, sobretudo na interação com a arte.

Larrosa (2004, p. 113) nos remete a pensar a criança como parâmetro para a abertura e disposição para a experiência. É através do livro *O leitor de Rilke* que o autor estabelece relação com as crianças.

Os olhos sem cobiça do leitor, seu topar-se com um mundo pleno e pronto, seriam, então, uns olhos que adquiriram algo do olhar pueril de uma criança. O olhar do leitor, como o das crianças, “vivencia” ou, melhor, “experiência”. (...) Por isso, com esse olhar, o “vivenciar o existente” não é mais o distinguir, classificar, ordenar do mundo interpretado e administrado, não é mais julgar ou valorar as coisas, não é se apropriar do que existe, mas é um deixar aparecer o existente em seu ser, em sua plenitude e em seu distanciamento, isto é, em sua verdade.

O autor para falar do que seria uma experiência, aquilo que realmente nos toca, o que fica, compara a forma como as crianças vivem suas relações com o mundo, sem que se deixem coagir por convenções, parâmetros, valores ou



informações somente. É nesse *vivenciar o existente* que as crianças se envolvem e experimentam estas experiências em espaços expositivos. Trazem modos singulares de estar com à arte. Trazem conhecimentos específicos, fantasia, vida vivida, estranhezas e sinceridade. Não estão presas a *formas convencionais e fixas de ler*. Estão abertas à possibilidade de dar um outro sentido a arte. Sentido este que é próprio da arte, assim como Zordan propõe pensar (2012, p. 9), *pois a arte é algo vivo e muda conforme os contextos vão mudando. Novos sentidos são-lhes atribuídos. (...) É uma potência incansável de possibilidades, de devires, uma vez que cria variedades.*

Em outras narrativas que apresento a seguir, as crianças expressam alguns sentimentos sobre algumas obras e espaço que se caracterizam como algumas das representações do mundo feitas por elas.

Valentina e Pedro falam do que mais gostaram sobre a visita ao Espaço III:

Valentina:

*Eu adorei aquela obra de flores, porque que eu adoro flores.*

Pedro:

*Eu gostei da Porta do Gigante!*

Algumas crianças conversam sobre a escultura em bronze de uma criança, da instalação Inversão do Sentido, no Espaço III.

- *Ela tá chorando.*
- *Ficou fraquinha.*
- *Ela vai ficar doente sem sapato.*
- *Ela não tem sapato porque é muito pobre.*

Em conversa com as crianças na escola sobre a mesma exposição obra de arte elas relatam:

Ryan:



*Eu fiquei triste com essa obra.*

Isabela:

*Eu fiquei com vontade de chorar.*

Sophia:

*Eu vou desenhar eu no colo da minha mãe.*

“*Eu gostei*”, dito por algumas crianças, as caracteriza como sujeitos ativos que interpretam e opinam com seus *códigos interpretativos próprios*. Sujeitos que interagem com as representações do mundo adulto e as representações do mundo infantil, como, por exemplo, *a Porta do Gigante!* que Pedro gosta e fantasia e *aquela obra de flores, porque eu adoro flores*, da Valentina que envolve suas referências pessoais como o gosto pelas flores.

*Real e imaginário. Infância e Sociedade*

*Eu fiquei triste com essa obra - Eu fiquei com vontade de chorar - Eu vou desenhar eu no colo da minha mãe.* Tais ditos expressam a ideia de que as crianças realizam processos de significação da acção



e estabelecem modos de monitorização que são específicos e genuínos (Sarmiento, 2007, p. 25), desmistificando a compreensão que, por muito tempo, se mantém aos sentimentos da infância relacionados com irracionalidade, incompetência e incapacidade.

Ao verem as obras abstratas da exposição Pinturas Cegas, de Tomie Ohtake, no Espaço II, as crianças mostram certa frustração:

*Mediadora:*

*E esses aqui, o que vocês veem?*

*Isabela:*

*Não vejo nada, só risco!*

*Pedro:*

*Só risco!*

*Matheus:*

*Só risco!*

*Mediadora:*

*Alguém viu um pouco diferente?*

*Isabela:*

*Risco pra lá e pra cá, diz, fazendo o movimento com a mão.*

A mediadora pergunta às crianças sobre o que veem nas pinturas, no entanto, as crianças não imaginam algo concreto para as abstrações da obra. Elas expressam uma leitura diferente daquela que a mediadora supõe ouvir. Mas qual seria o sentido das obras abstratas, ou do movimento abstracionista<sup>10</sup>? Em relação à pergunta feita pela mediadora às crianças - *E*

---

<sup>10</sup> Em sentido amplo, abstracionismo refere-se às formas de arte não regidas pela figuração e pela imitação do mundo. Em acepção específica, o termo liga-se às vanguardas europeias das décadas de 1910 e 1920, que recusam a representação ilusionista da natureza. A decomposição da figura, a simplificação da forma, os novos usos da cor, o descarte da perspectiva e das técnicas de modelagem e a

*esses aqui, o que vocês veem?* Qual seria a relação com a proposta do movimento? Seriam estas perguntas feitas às crianças porque elas são pequenas e também fazem desenhos não figurativos, às vezes inventando e dando significados a sua produção? Por esse motivo, também, as crianças estarão sendo julgadas como incompetentes em relação às leituras de obras abstratas?

A intenção desse movimento abstracionista é se contrapor ao realismo artístico dos movimentos de vanguarda do início de século xx. Deste modo as obras não propõem uma leitura narrativa ou descritiva, ainda assim, é esta a leitura que se propõe às crianças.

Dentro desta concepção relativa à capacidade de leituras de obras de arte feita pelas crianças, logo no início de uma de nossas visitas a um museu de Porto Alegre, o mediador que nos acompanhou durante a exposição alertou: *não irei mostrar as obras abstratas, pois as crianças nesta idade só veem riscos. Para realizarem a leitura destas obras, só a partir dos nove anos.* Inicialmente nada falamos sobre a perspectiva do mediador. No entanto, as crianças o surpreenderam...

Se pensarmos que arte é um “bloco de sensações” como dizem Deleuze e Guattari (1992)<sup>11</sup>, as crianças revelaram sensações diversas. Estas estão diretamente ligadas as sensações corporais, criações do imaginário infantil, ao seu repertório cultural e experiências vividas, assim como sentimentos diversos, como alegria e tristeza. Este *bloco*, no entanto, se define de um modo particular, diferente do adulto, e peculiar às crianças.

---

rejeição dos jogos convencionais de sombra e luz, aparecem como traços correntes das diferentes orientações abrigadas sob esse rótulo. Inúmeros movimentos e artistas aderem à abstração, que se torna, a partir da década de 1930, um dos eixos centrais da produção artística no século XX.  
[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=347](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=347)

<sup>11</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

### *5.3 Eu já sabia tudo. Não precisa ter alguém explicando - Crianças e mediação*

Nos encontros com as crianças, nos espaços expositivos, a presença dos/as mediadores/as foi intensa e mostraram diferentes abordagens nos modos de mediar. Intensa na medida em que eles/as assumiram papel fundamental na condução das visitas às exposições e diferentes, pois, nos três espaços que visitamos, os mediadores assumiram posturas distintas com as crianças. Uns usando aspectos do universo infantil, recebendo as crianças em um castelo, com príncipes e princesas, além de assumir uma postura de escuta para com as crianças e dessa forma conduzindo toda a visita. Outras com tentativas de agregar as peculiaridades de uma visita com crianças, mas com poucos momentos de conversa com elas e com uma preocupação maior com relação a informações sobre as obras e sobre o espaço expositivo. E ainda, mediadores que pouco diferenciaram uma visita mediada ao público adulto do público infantil.

Em relação a como as crianças percebiam os mediadores dos espaços que visitamos, uso para o título deste subcapítulo de análise um aspecto da conversa que tive com o grupo em nosso encontro depois da última visita, que foi ao Espaço Expositivo III.

*Eu:*

*O que tu aprendeu sobre as coisas que o Mediador falou?*

*Ryan:*

*Nada! Eu já sabia tudo. Não precisa ter alguém explicando.*

*Eu:*

*Tu também acha, Bela?*

*Não, elas não precisam!*

*João:*

*Fica chato alguém explicando.*

*Maria:*

*Mas se não tiver um adulto as crianças vão tocar nas obras.*

*João:*

*A gente não precisa, só as crianças pequenas.*

As crianças mostraram, ao longo das visitas, uma forma particular de estar nos espaços expositivos e de se relacionar com as obras. No diálogo acima, podemos entender, inferir, deduzir que as crianças não tem necessidade que adultos expliquem, perguntem, mostrem as obras. Os adultos, de certo modo, querem que as crianças aprendam determinadas informações sobre as obras e os artistas, além de assumirem também a postura daquele que vigia as crianças, ensinando-as a se comportar nos espaços. Já as crianças querem a experiência, viver o espaço de um modo próprio delas, usando seu corpo, refletindo com seus sentimentos e conhecimentos. Pouco se interessam pelas informações, mas sim pelos objetos ali expostos e o lugar. De certa forma, esta postura dos mediadores com relação à preocupação com as informações, se assemelha às concepções do ensino escolar, que ainda, em sua maioria, está pautado a um caráter acumulativo.

As crianças nos sugerem pensar se o nome do artista, o nome da obra são mais importantes do que as possibilidades de viver de outra forma o que a visita a uma exposição de arte pode nos oferecer em relação a fruição de sentimentos, à confluência da obra com os conhecimentos de mundo, o experimento com diferentes tipos de imagem e expressões artísticas, como as instalações, esculturas, assemblage e outros.

Nesse sentido, é importante que os mediadores tenham conhecimento com relação a importância da arte nas experiências das crianças e como elas se relacionam com os objetos artísticos para a organização de estratégias de ensino para elas. Essa dimensão, que o conhecimento de ensino de arte nos dá, serve como referência para pensarmos sobre como melhor organizar visitas mediadas para crianças.

Entender o que envolve o conceito de mediação em sua dimensão mais ampla e para além dos espaços expositivos nos dá suporte para podermos pensar inicialmente a que este conceito nos remete. Nessa “abertura” que se dá na relação entre sujeitos e objetos, a mediação está presente em diferentes



ações e situações. Múltiplos são nossos mediadores, que poderão ser objetos, espaços, pessoas, imagens e as próprias obras de arte. São estas marcas deixadas por estas múltiplas e diferentes formas que a autora nos remete a pensar:

Muitas marcas são deixadas por pais, tios, avós, irmãos mais velhos, amigos, professores, artistas,... **nos nossos primeiros contatos com a arte**. Outras marcas são também deixadas por livros, personagens de TV, filmes, peças infantis, concertos, pelas obras que vão se fazendo parte de nosso acervo de imagens, pelas visitas aos museus, por alguns momentos especiais. Todos, de modo favorável ou não, nos ajudam a construir nossas primeiras impressões do mundo da arte, alimentando e ampliando nossa própria cultura. (MARTINS, 2008, p. 26, grifo meu)

Nossas experiências com a arte são passíveis de inúmeras significações e fazem parte do que nos constituem com o sujeitos de um tempo e espaço. Nossas *marcas*, aquilo que nos toca, o que foi significativo, o que nos compõe como determinados sujeitos constituem nosso gosto, nosso modo de ver, nossos repertórios culturais, etc. Por este aspecto, a autora (*idem*) afirma a ideia de que as marcas ocasionadas nos espaços expositivos não são somente mediadas pelos adultos, mas sim por tudo o que o espaço refere. A partir das referências que as crianças trouxeram durante as visitas com relação ao seu envolvimento com as obras, aos mediadores e aos espaços, torna ainda mais evidente o envolvimento delas com estas múltiplas e diferentes dimensões que envolvem a mediação cultural.

Mediação, segundo a autora (*idem*, p. 26), “envolve dois polos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um medianoiro [...]”. É um “encontro sensível e instigante, tarefa consciente de quem faz da arte seu ofício de educador.” “Encontros que exigem atitudes pedagógicas”, ainda salienta a autora. Entendo que atitudes pedagógicas precisam ser revistas do ponto de vista daquilo falta e daquilo que necessitam as crianças. Que demandam aproximações com a complexidade da infância, pois a medida que ela se apresenta, ela também nos espaga.

Nas narrativas a seguir, as crianças respondem a questionamentos dos(as) mediadores(as) sobre uma obra ou espaço.

Em frente à obra do artista Rafael Pagatini, na instalação Passagem...

*Mediadora*

*Tá chovendo ou tem sol?*

*Isabela:*

*Não, é noite!*

Sobre um dos quadros da exposição “Economia da Montagem” do Espaço III...

*Mediador:*

*O que tem o quadro? É calmo ou triste?*

*Matheus:*

*Alegre!*

As crianças interagem com as obras da instalação Reflexões, do artista Rafael Pagatini

*Mediadora:*

*Que cores tem essa estrada?*

*Crianças:*

*Branca e preta.*

*Guilhermo:*

*Não. Branca e Laranja.*

É possível perceber nestes diálogos a capacidade das crianças de estabelecer relações que podem não estar diretamente ligadas aos aspectos que nós, adultos, levantamos sobre as obras ou espaços. Mesmo quando sinalizamos algo, elas buscam outros significados, diferentes, principalmente daquilo que esperamos, como quando foi sugerido a elas pensar sobre a obra *calma ou triste, ou se está chovendo ou tem sol*. As respostas não respondem as perguntas e dão outro significado a elas.

Poderíamos pensar, a partir destas e de outras respostas das crianças, um outro tipo de mediação. Uma vivência que pudesse estabelecer a relação que a criança vai fazer com a obra. Usar elementos do imaginário infantil para mediar a visita, que não necessariamente fosse um diálogo com o que as crianças

“estão vendo” da obra. Poderia ser criado algo novo a partir do que elas elencassem como significativo para o que estarão sentido, vendo, interagindo. Viver com elas... Viver como elas a experiência do espaço expositivo.

Sobre os quadros da exposição Pinturas Cegas, da artista Tomie Ohtake, a mediadora faz perguntas às crianças:

*Mediadora:*

*E esses aqui o que vocês veem?*

*Isabela:*

*Não vejo nada, só risco!*

*Pedro e Matheus:*

*Só risco!*

*Mediadora:*

*Alguém viu um pouco diferente?*

*Risco pra lá e pra cá, diz Isabela fazendo o movimento com a mão.*

Neste diálogo, as crianças respondem àquilo que concretamente veem nas obras, sem hesitar em responder o que pesam.

Enquanto caminhávamos nos corredores do Espaço II, a Mediadora conversa com as crianças sobre o prédio.

*Eu vou falar uma coisa pra vocês também. Vocês já pararam pra pensar que em todo esse corredor aqui só tem uma janela?*

*Matheus:*

*Duas.*

*Mediadora:*

*Duas? Onde é que tá a outra?*

*Matheus aponta pra de cima.*

*Mediadora:*

*Ah, aquela lá de cima que é uma claraboia.*

*O Arquiteto ele pensou assim...*

*Matheus:*

*Não três.*

*Mediadora:*

*Ah, mas a claraboia a gente vê pra cima, a gente não vê a paisagem.*

*Pedro:*

*Não, são dois.*

*Mediadora*

*Duas?*

*Isabela:*

*Três.*

*Mediadora:*

*Tá... Olha só. O Arquiteto quando ele penso...*

*Valentina:*

*Quatro.*

*Mediadora:*

*... Vocês já tinham visto Porto Alegre desse lado aqui?*

Mesmo com a explicação da mediadora com relação a sua concepção de janela, as crianças insistem em mais números de janelas, já que para elas as “claraboias”, como menciona a mediadora, são também janelas. Mesmo com a insistência das crianças com relação ao número de janelas, a mediadora tenta conduzir o diálogo para outros aspectos do prédio, no entanto as crianças se envolvem com a contagem das janelas e negam a explicação feita anteriormente pela mediadora.

A partir das diferentes formas que as crianças nos apontam espaçamentos, Larrosa (2004), quando compara a criança e seu nascimento com o novo, a novidade, nos fala desse *outro*, *daqueles seres estranhos dos quais nada se sabe*. Assim podemos dizer que a(s) criança(s)

É um outro porque é sempre algo diferente da materialidade de um projeto, da satisfação de uma necessidade, do cumprimento de um desejo, do complemento de uma carência. (...) É um outro porque sempre é outra coisa diferentes do que podemos antecipar, porque sempre está além do que sabemos, ou do que queremos ou do que esperamos. (idem, p. 187)

Apesar de, na maioria das vezes, as crianças se expressarem falando aos mediadores, conversando com eles, em alguns episódios o silêncio foi uma das reações que elas esboçaram. Vejamos as crianças interagirem com a mediadora na exposição “O Tempo e a Cor”, da artista Ione Saldanha, na visita ao Espaço II.

*Matheus B:*

*Eu tô vendo um prédio.*

*Mediadora:*

*O que mais vocês estão vendo?*

*Matheus :*

*Prédio.*

*Mediadora:*

*Mas é um prédio igual na primeira sala?*

*Matheus:*

*Não.*

*Mediadora:*

*O que aconteceu com esses prédios?*

*Matheus:*

*Quebraram.*

*Mediadora:*

*Parece que eles estão borrados né. Sabe o que eu acho, que a artista pinto e coloco lá na chuva. E aí borrou tudo...*

*Ryan:*

*Ela colocô na água?*

*Mediadora:*

*Não sei o que ela fez, mas acho que ela não colocou.*

*Isabela:*

*Então por que tá desse jeito, borrado?*

*Ryan:*

*Porque borrô, alguém passou a mão.*

*Mediadora:*

*Não, não. É o jeito que ela pintava. Escorria tinta e parecia assim uma manchinha....*

*Silêncio das crianças*

*Mediadora:*

*Viu só...*

As proposições e reflexões parecem ser esvaziadas pela mediadora que uma hora diz que não sabe como a artista, e neste momento as crianças começam a construir hipóteses, mas logo explica a técnica feita.

Outro momento em que as crianças silenciam diante da conversa com a mediadora é ao olharem os quadros da artista Tomie Ohtake, também no Espaço II.

*Professora:*

*É uma teia de aranha?*

*Criança:*

*É*

*Professora:*

*E quem é que tá no meio da teia?*

*Crianças:*

*A aranha!*

*Guilherme:*

*Não, é uma ameixa!*

*Professora:*

*Ameixa?*

*A professora para a leitura para fazer intervenção com outra criança.*

*A mediadora chega, dá uma explicação sobre a obra:*

*Aquele pontinho preto é um pontinho que se chama um ponto cego. Todo mundo tem esse ponto cego no olho. É um lugar que não entra luz. Só que daí ao invés da gente ver esse pontinho assim pretinho, na verdade o nosso cérebro ele corrige a imagem, e faz com que a gente enxergue tudo. O nosso cérebro ele corrige esse pontinho preto.*

*Algumas crianças olham a obra... Outras saem... Outras olham a mediadora...*

Estes episódios têm características parecidas quanto à intervenção da mediadora. As crianças nos mostram que, ao silenciarem diante das explicações referentes às obras, elas não se sentem mais desafiadas a pensar sobre, e por isso silenciam.

As concepções de criança e infância que estes lugares expositivos concebem traduzem uma ideia histórica e socialmente construída por uma cultura de infância da modernidade que, como consequência, trouxe influência na ação educativa dos mediadores. A partir dos estudos da Sociologia da Infância, que postula a ideia de crianças ativas e produtoras de cultura, acreditando e respeitando em as suas competências, é fundamental que

nossas práticas educativas não sejam propostas por uma única via – a do professor – e passem a respeitar e tornar por direito a participação das crianças.

O que pude perceber a partir deste convite que fiz a um grupo de crianças, é que elas se relacionam de outro modo com a arte e que, a partir dessas referências, podemos pensar uma outra forma de mediar esta vivência em espaços expositivos com o público infantil.

Pensando ainda nos episódios descritos, Larrosa (2002) nos fala que a experiência não se determina somente por informações e, se for tomada por este aspecto, ela não deixa lugar para a experiência. Nessa perspectiva e a partir do que as crianças nos mostram quando silenciam diante das explicações da mediadora, tornou-se evidente que as informações referentes às obras não são fator principal na relação delas com a arte.

Mesmo que, em episódios as crianças trouxeram questões contrárias as dos mediadores e, em alguns momentos, ainda ficaram em silêncio com as explicações da mediadora, Ryan nos aponta outra forma de compreensão de como as crianças veem os mediadores.

Em frente à obra do artista Rafael Pagatini, a mediadora pergunta às crianças.

*O que vocês enxergam?*

*Isabela:*

*Um monte de árvore.*

*Mediadora:*

*Tá, agora venham mais pra trás. Mais pra trás, mais pra trás. E agora, o que vocês enxergam?*

*Crianças:*

*Uma árvore!*

*Mediadora:*

*Só?*

*João*

*Só.*

*Crianças:*

*Um rio, uma rua, uma casa, uma calçada, o vento.*

*Professora:*

*Tu tá vendo o vento? Que bárbaro.*

*Mediadora:*

*Será que era um dia de sol ou de chuva?*

*João:*

*De noite.*

*Mediadora:*

*De noite, por que será?*

*João:*

*Porque sim, ué!*

*Algumas risadas*

*Matheus:*

*Porque tá tudo preto.*

*Ryan:*

*A gente não sabe. Pode falar aí, pode falar!*

Ryan percebe que a mediadora faz perguntas em busca de uma resposta, então, coloca o grupo de crianças à disposição dela para que ela aponte algo que eles ainda não levantaram ou não perceberam. Ryan se coloca como sujeito da experiência, como nos diz Larrosa (2002, p. 25),

É um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera.

Ryan nos mostra que sabe que pode haver uma troca com os mediadores e retrata também a abertura e a disposição das crianças para a experiência, seu posicionamento como sujeitos participativos e produtores de cultura, que não estão subsumidos no mundo adulto e no “gigante da arte”.



## 6. *Abrimos a Porta do Gigante, e agora?*

Crianças e arte... duas portas difíceis de adentrar. Neste percurso de educadora e agora pesquisadora-aprendiz, procurei dimensionar o que venho aprendendo com as crianças sobre o mundo, as relações com o humano e agora com a arte.

A porta de uma escola de Porto Alegre foi-me aberta para que eu pudesse estar com quatorze crianças em três espaços que recebem exposições de arte e propõe mediação para crianças. Isabela, Maria Eduarda, Maria, Ryan, João, Guilherme, Joaquim, Matheus, Matheus B., Emiliano, Valentina, Clara, Pedro e Ana nos mostram como foram suas experiências nos espaços expositivos. Suas reações, suas interrogações, o que gostaram, o que poderia ser diferente, a relação com o corpo, com as regras, com as pessoas e as obras. Crianças reais que compõem esta pesquisa e que não somente abrem a porta da arte como também me remetem ao desafio de uma proposta de pesquisa *com* crianças.

Voltando para aquilo que me levou a querer abrir esta porta com as crianças, estão algumas de minhas inquietações, experiências com a infância e situações específicas vividas com as crianças e a arte. Desta conjuntura, tornou-se visível esta problemática de pesquisa e outras orientações no que tange nosso conhecimento acerca do universo infantil e também da perspectiva das crianças com relação aos espaços expositivos, aos mediadores e às obras de arte.

Ao propormos uma pesquisa com as crianças, na qual a participação delas é o objeto fundamental para a reflexão, é importante que se organize uma metodologia que torne possível a participação desses sujeitos. O estar entre as crianças, o uso de instrumentos de pesquisa e a forma como propomos a organização desta participação no texto escrito deverão reinterar as peculiaridades do universo infantil.

Foi através de minha prática e dos estudos da Sociologia da Infância que comecei a compor a ideia de criança ativa, produtora de cultura, pertencente a uma categoria social distinta que passa a ser creditada a sua ação social que diz respeito as suas condições coletivas e individuais. É por esta concepção que se propôs uma pesquisa em que pudéssemos lançar o olhar para as formas de expressões das crianças nos espaços de arte da cidade, e assim configurar, no interior de suas vozes, expressões, silêncios e ações *aquilo que é o sentido das vontades e ideias das crianças*. (SARMENTO, 2011, p. 28)

Os instrumentos para registro dos encontros com as crianças puderam me auxiliar na retomada de uma memória vivida pertencente às experiências delas. Os vídeos, as fotos, as anotações no diário de campo e os desenhos das crianças foram todos elementos fundamentais para que a problemática desta pesquisa pudesse se tornar uma reflexão com dados concretos e genuínos às expressões das crianças. Os pensamentos, as vozes, os corpos, as atenções, os silêncios, a imaginação são turbilhões que necessitaram, inclusive durante o processo, de instrumentos que me auxiliassem para uma captação mais abrangente de dados atribuídos a minha problemática.

Entender como as crianças se expressam com os espaços expositivos mostrou não somente atributos sobre os aspectos relacionados às pesquisas com crianças, como também a participação deste grupo no campo da arte, principalmente com relação à organização dos espaços, da suas interações com as obras de arte e com os mediadores.

Os questionamentos, as leituras das obras, o sentido dado pelas crianças através da fala nos mostram sua forma de participação social e sua posição como sujeitos ativos e produtores de cultura. Suas formas de interação com os espaços e as obras através do uso do corpo, que precisa ser controlado diante da proposta dos espaços expositivos para conservação das obras, nos revela uma outra forma de interagir das crianças e, por sua vez, uma postura de mediação dos adultos nas intervenções com elas. Além dessas intervenções relacionadas a uma educação de postura e comportamento para se estar em um espaço expositivo, a intervenção educativa dos mediadores

com relação às obras de arte e às crianças também podem ser revistas por elas diante das formas como interagiram, apontando não somente de forma explícita, como também de forma implícita sua capacidade e singularidade de interagir com as obras e os mediadores.

O reconhecimento das especificidades na aprendizagem das crianças em arte e o reconhecimento de uma experiência que passa pelo corpo físico, pelo pensamento, pelo mundo vivido foram feridas pelas crianças. Tais reflexões também acabam por nos dar “pistas” sobre o papel educativo do museu e a organização destes em relação ao atendimento ao público infantil. É nesse caminho, nesses encontros com exposições de arte que as crianças abrem a porta para mostrar uma experiência que, além de passar pelo corpo físico, pelo pensamento, pelo mundo vivido passa pelo diálogo que nós, educadores, mediamos sobre os diferentes aspectos da arte.

Como professora de crianças, reitero aqui a importância do investimento e comprometimento no campo de pesquisas com crianças. Pois, de alguma maneira, elas nos trazem um outro modo de olhar a arte, o mundo, as pessoas e suas relações. Sim, ainda que perturbado pelo mundo dos adultos, da cultura, das imagens e das convenções, também carregam a limpidez dos primeiros olhares ou ainda a abertura e a disposição para uma experiência.

Assim como *a arte é uma potência incansável de possibilidades, de devires* (Zordan, 2012), a criança também produz novas possibilidades para pensarmos e discutirmos outros campos. Que possamos abrir com elas mais portas! Não somente portas de gigantes, mas também outras.

Sinta-se conosco participante desta abertura para discutirmos juntos com as crianças novas formas de organizações educativas, de um novo tempo de direito, de um compromisso ético e da preservação e transformação da sociedade. E que o nosso *museu possa ser de outra cor, que o branco e o preto possam ser laranja e que a porta possa ser do gigante*, para que, ao entrar, possamos nos surpreender, viver o novo, de novo, imaginar, respeitar e entrar novamente.

## 7 - Referências

ALDEROQUI, Silvia e PEDERSOLI, Constanza. **La Educación em los museos: de los objetos a los visitantes**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Gauvão. **Arte/Educação como Medição Cultural e Social**. São Paulo: Editora, UNESP, 2009. 2010

CARVALHO, Alexandre Filordi e MÜLLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. In: MÜLLER, Fernanda (org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.

CHIAPPERINI, C. Filosofia com crianças. In. KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 13-34.

COUTINHO, Rejane. **Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora**. In: MARTINS, Mirian Celeste, SCHULTZE, Ana Maria e EGAS, Olga. **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v.1, nº 1, novembro 2007.

CUNHA, Susana Vieira. Pedagogias de imagens. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CUNHA, VIEIRA da. Susana R. . Experimentos e experiências na pesquisa. In: Raimundo Martins e Irene Tourinho. (Org.). **Processos e Práticas de pesquisa em Cultura Visual e Educação**. 1ed.Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, v. 5, p. 201-224.

DELALANDE, Julie. As crianças na escola: Pesquisas antropológicas. In. MARTINS FILHO, Altino e PRADO, Patrícia. **Das pesquisas com crianças: complexidades da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes Infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In. MARTINS FILHO, Altino e PRADO, Patrícia. **Das pesquisas com crianças: complexidades da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

DORNELLES, Leni Vieira e KAERCHER, Gládis Elise. **Qual é a cor da cultura na educação infantil?** Atas do Simpósio Luso-Brasileiro de Ciências Sociais: culturas e identidades, navegando entre mares. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012, s/p no prelo.

DUARTE JR., João-Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** Coleção Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez Editora. 1981

FERNADES, Natália. **A investigação Participativa no Grupo Social da Infância.** Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, PP.25-40, Jan/ Jun 2006.

FERNADES, Natália. **Infância, Direitos e Participação: Representações, Prática e Poderes.** Braga. Edições Afrontamento. 2009

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “Branco Demasiado” ou Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel e GOUVEA, Maria Cristina S. (org.). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais.** Vozes. Petrópolis, 2ª edição, 2009.

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel, GOUVEA, Maria Cristina S. (org). Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Vozes. Petrópolis, 2ª edição, 2009.

KLEIN, Carin e DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para a avaliação de políticas públicas de inclusão social. IN: MEYER e PARAÍSO (Org). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Texto de Jorge Larroa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, 4. Ed., 2ª imp. Belo Horizonte; Autêntica, 2004.

LEITE, Maria Isabel. Museu de Arte: Espaços de Educação e Cultura. In: LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Museu, educação e Cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Museu, educação e Cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

LUFT, Lya. Mar de menina. In: **Para não dizer adeus**. Rio de Janeiro. Record, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio de Janeiro: Editora RBB Ltda, 2008.

\_\_\_\_\_, SCHULTZE, Ana Maria e EGAS, Olga. **Mediando [con]tatos com arte e cultura**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v.1, nº 1, novembro 2007.

\_\_\_\_\_. Expedições instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio de Janeiro: Editora RBB Ltda, 2008.

MARTINS FILHO, Altino e PRADO, Patrícia. **Das pesquisas com crianças: complexidades da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SARAMAGO, Sílvia Sousa. Metodologias **de Pesquisa Empírica com Crianças**. Lisboa: Sociologia, Problemas e Práticas, nº 35, 2001, pp. 9-29.

SARMENTO, Manuel. Culturas Infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_, GOUVEA, Maria Cristina S. (org.). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. Vozes. Petrópolis, 2ª edição, 2009.

\_\_\_\_\_. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino e PRADO, Patrícia. **Das**

**pesquisas com crianças:** complexidades da infância. São Paulo: Autores Associados, 2011.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudanças. In: MÜLLER, Fernanda (org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições.** São Paulo: Cortez, 2010.

TOMÁS, Catarina. **Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direito das crianças.** Porto: Edições Afrontamentos. 2011

TREVISAN, Gabriela Pina. Amor e Afectos entre crianças – A construção social de sentimento na interação de pares. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância.** Petrópolis: Vozes, 2007.

ZORDAN, Paola e FOGAZZI, Simone Vocaro. **Aulas de Arte nas Escolas e outras Possibilidades.** IX Anped Sul. 2012

<http://michaelis.uol.com.br/>, em 9/04/2013

<http://cargocollective.com/rafaelpagatini/Amanhecer-no-Porto>, em 15/04/2013

## APÊNDICES



## APÊNDICE A – Termo de consentimento Informado da criança



### Queridos/as crianças

Eu, Amanda Eccel Dornelles, estou fazendo uma pesquisa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS. Para fazer este “trabalho” escolhi a turma de vocês para acompanhar em algumas visitas às exposições de arte.

Esta folha representa um documento importante desta pesquisa, pois aqui fica registrado se vocês querem, ou não, participar deste estudo.

Com a autorização de vocês, poderei então usar algumas fotos e vídeos que fizemos juntos, além de eu escrever nas folhas da minha pesquisa, coisas que vocês falaram durante as visitas às exposições de arte e em nossos encontros aqui na escola.

Sendo assim, eu \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
da turma Jardim A, na Escola de Educação Infantil Infâncias, localizada no município de Porto Alegre, por minha vontade, irei participar da pesquisa sobre as Impressões das Crianças sobre Visitas às Exposições de Arte, propostas pela Professora Amanda Eccel Dornelles.

\_\_\_\_\_  
Ass. da pesquisadora

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Sendo assim, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através dos telefones (51) 97821079 e (51) 32397441 ou pelo e-mail [amandaedornelles@yahoo.com.br](mailto:amandaedornelles@yahoo.com.br).

Obrigada,

Amanda Eccel Dornelles

## **APÊNDICE B – Termo de Consentimento Informado dos Pais**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Amanda Eccel Dornelles, professora da rede pública de Porto Alegre, iniciei, no ano de 2011, o Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pretendo investigar sobre as impressões das crianças durante visitas a exposições de arte: as falas, as relações, as escutas, os gestos, os silêncios, as atenções, a relação com o mediador. Acredito que focalizar o olhar sobre as impressões das crianças tem papel fundamental na análise das nossas intervenções como educadores, sejamos pais, professores ou mediadores de espaços culturais.

Esta pesquisa tem como objetivo ouvir as crianças, concebendo ela como sujeito social, membro ativo da sociedade, que pensa e se expressa, produz e inventa. Anseio por dar voz às crianças, sobretudo, por acreditar que elas podem falar sobre algo que para muitos não a pertence, e isso está transposto na *alteridade da infância, na alteridade da criança falar sobre arte*.

#### **Como a pesquisa será realizada:**

Para a efetivação do estudo, acompanhei o grupo de crianças do Jardim A em visitas a exposições de arte, em diferentes espaços culturais de Porto Alegre. As visitas foram realizadas no Santander Cultural, na Fundação Iberê Camargo e no Margs.

Organizei junto a direção da escola e a professora da turma alguns encontros para que pudesse conhecer melhor as crianças e principalmente para que elas me conhecessem. Pensamos que desta forma nossas visitas aos museus, assim como as conversas com as crianças, se dessem de forma significativa e natural para as crianças.

Além desses encontros que antecederam as visitas, organizamos sempre um encontro posterior para conversar com as crianças. Nesses momentos as crianças puderam conversar sobre suas impressões e também fazer registros através de desenhos, a partir do que elas viram e sentiram.

Alguns momentos das visitas às exposições e conversas com as crianças foram gravados, para uma maior precisão da análise e transcrição de falas.

**Sobre os Cuidados éticos:**

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente observações com as crianças, assim como a informar devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter.

Será realizado um “Termo de Consentimento da Criança”, esclarecido por mim, para que as crianças possam entender e optar sobre sua participação nesta pesquisa.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão protegidos sempre que os participantes optarem por sigilo ético, não sendo mencionados seus nomes em nenhuma apresentação oral, ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Eu \_\_\_\_\_, R.G. sob  
nº \_\_\_\_\_,

autorizo meu filho/ filha

\_\_\_\_\_  
(nome legível da criança)

a participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura Profª Drª Susana Rangel Vieira da Cunha

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Sendo assim, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através dos telefones (51) 97821079 e (51) 32397441 ou pelo e-mail [amandaedornelles@yahoo.com.br](mailto:amandaedornelles@yahoo.com.br).

Obrigada,

Amanda Eccel Dornelles

## APÊNDICE C – Registro da Visita ao Espaço II



## APÊNDICE D – Registro da Visita ao Espaço III

